



CIVILIZAÇÃO DO AMOR: PROJETO E MISSÃO

- Síntese -

Apresentação

O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado e o que nós tocamos com as nossas mãos... é o que nós proclamamos (1 Jo. 1, 1).

O desafio de construir a *Civilização do Amor*, expressão divulgada pelo Papa Paulo VI, e acolhida, desde 1983, pela Pastoral da Juventude da América Latina, é e continua sendo *projeto e missão*². Os jovens do 3º Congresso Latino-Americano de Jovens, em Los Teques, em 2010 (Venezuela), além disso, acolheram o que o Papa Bento XVI disse, naquele momento, convidando-os/as a serem "autênticos discípulos de Jesus Cristo, para viverem os valores do Evangelho, transmitindo-os com coragem aos que os rodearem e, inspirados por estes princípios, construir uma sociedade mais justa e reconciliada".

Prólogo

Civilización del Amor. Proyecto y Misión é continuidade, prosseguindo a construção de uma proposta orgânica da Pastoral da Juventude na América Latina, que segue sendo *Tarea*

¹ Organizada por **Hilário Dick**, padre Jesuíta, assessor da juventude, autor de vários livros membro da equipe de elaboração do Marco Referência da Pastoral Juvenil do Continente.

² Síntese baseada em *Civilización del Amor – Proyecto y Misión. Orientaciones para una Pastoral Juvenil Latinoamericana*. Documento CELAM nº 173, Bogotá, 2012.

y *esperanza*³, como dizia a versão de 1995. A presente versão, portanto, é complementar, não suprimindo o dito anteriormente. Quer enriquecer o que já foi vivido e discernido.

Falamos isso porque se faz necessária uma renovação pastoral, isto é, faz-se necessário passar de uma pastoral de manutenção e preservação (sonhando com nostalgias e seguranças); de uma pastoral intimista e espiritualista (escondendo escapismos fideístas); de uma pastoral clerical e verticalista, popular horizontalista, levada por aparências e estéticas (marketing), para uma pastoral orgânica e global, de conjunto e articulada, de comunhão e corresponsabilidade, de missão e evangelização, encarnada e contextualizada, acolhedora da diversidade das expressões juvenis. É necessário passar de uma Pastoral de Eventos para uma Pastoral de Processos, encarnados nas realidades juvenis.

Esta nova versão viveu um processo árduo e prolongado (2007 a 2012). Exigiu tempo, mas, por isso mesmo, permitiu uma construção participativa.

³ Houve, até o momento, três versões de *Civilização do Amor*: uma de 1985, intitulada *Juventud Iglesia y Cambio*; outra de 1987, com o título *Pastoral Juvenil: Sí a la Civilización del Amor*; e, uma terceira versão, em 1995, intitulada *Civilización del Amor: Tarea y Esperanza*.



I. PARA O HORIZONTE, SIM! MAS COM OS PÉS NO CHÃO

Marco da Realidade

*A Vida se manifestou, nós a vimos, dela damos testemunho.
Ela está voltada para o Pai e se manifestou a nós (1 Jo 1, 2)*

Caminhamos, como Pastoral da Juventude, com o olhar e o coração voltados para o Horizonte, tendo os pés no chão, procurando partir da realidade da juventude latino-americana. Os horizontes de nosso caminhar são as juventudes, encaradas como um lugar teológico, onde mora Deus. É que a Igreja e as juventudes estão descobrindo, cada vez mais que, além de ser uma realidade biológica, sociológica, jurídica, antropológica, cultural, elas – as juventudes - são uma realidade teológica. Olhar a realidade juvenil e seu entorno é o primeiro passo, portanto, para que Deus e a juventude sejam percebidos com mais clareza como horizontes da Pastoral da Juventude.

Embora o ponto de partida seja a realidade sofrida dos/as jovens, não se pode esquecer que o importante é "a realização, até a plena estatura de Cristo", realização que passa pelo/a jovem como "protagonista da transformação familiar, eclesial e social", "sujeito ativo, com dignidade, construtor de sua própria história de seu projeto da vida", "sujeito de direitos", "discípulo missionário, fascinado pela pessoa e pelo projeto de Jesus, disposto a uma permanente conversão pessoal, pastoral e eclesial", "construtor da Civilização do Amor".

1. Juventude e Paradigmas⁴

No estudo da juventude e no trabalho junto aos jovens existem paradigmas, isto é, diversos códigos, estilos e modos de pensar para dar-nos conta da realidade que as gerações atuais de jovens estão vivendo. Necessita-se de outras explicações. Esta "mudança" no pensamento e na ação, contudo, não é um assunto que brota "da noite para o dia"; supõe processos históricos e sociais que vão gerando e amadurecendo novos signos, modos, estilos, linguagens, etc., dando lugar à outra configuração da realidade.

⁴ Nº 07 a 26. Os números correspondem à edição espanhola desta obra, em 2012.

É preciso, por isso, atender à necessidade de clarear um paradigma frente a outro, tomando em conta vários fatores que dão lugar à estruturação dessa realidade. O que importa é estarmos atentos para perceber onde se localizam estas novas sensibilidades, novas linguagens e necessidades, para atender à realidade atual e, em particular, às juventudes. Repetimos que, no chamado ao serviço e ao processo da evangelização, é importante dar-nos conta que, na emergência dos valores juvenis, entram em questão paradigmas (modelos, padrões) que decidem nossa forma de ler, compreender e trabalhar com a juventude.

1.1 A juventude como etapa preparatória

Neste primeiro paradigma o/a jovem é visto, prioritariamente, como alguém que necessita ser “preparado”. A expressão histórica mais evidente desta “intervenção” é o que se chamou, desde a revolução industrial (1790), de “*moratória social*”, uma realidade pedagógica e legal que se apresentou de diversas formas (internatos, serviço militar, escolas movidas por disciplinas rígidas, etc.). As atividades oferecidas se direcionavam para a “formação”, tendo os adultos como os protagonistas das “informações” ou daquilo que, por vezes, se chama “educação”.

1.2 A juventude como etapa problemática

O/A jovem é visto, neste paradigma, como “problema”. “Problema” porque gera conflitos, faz coisas errôneas, não respeita a tradição, faz coisas que não se compreendem, não segue ou não cumpre normas, porque questiona etc. As atividades oferecidas vão na perspectiva da “prevenção” de problemas: drogas, gravidez na adolescência, prisões especiais, etc. Tudo se “instala” movido por um espírito de desconfiança no jovem. As medidas são tomadas por medo da juventude, e não por estar encantado por ela e pelos desafios que ela lança.

1.3 A juventude como potencial transformador

Este paradigma olha a juventude como fonte de renovação: um segmento da sociedade capaz de transformar o mundo! “A solução está na juventude!” É o que aconteceu no nazismo, no fascismo, no falangismo e em outras iniciativas. De forma um tanto romântica, o futuro parece concentrar-se na juventude. Olhando estas realidades vê-se, no entanto, que se agia movido por *interesses* e não pela *valorização* do/a jovem como tal.

1.4 A juventude, sujeito de direitos, no caminho da autonomia

É um paradigma que aposta na formação da juventude, em sua personalidade, através de uma pedagogia que considera todas as dimensões da pessoa, inclusive a teológica. O grande desafio é ajudar na construção do empoderamento e do protagonismo juvenil. Nesta perspectiva, um instrumento que se torna fundamental é o planejamento do trabalho com e dos jovens. Insiste-se muito na “formação integral”. Outro aspecto que este paradigma não esquece, é a implementação de políticas públicas *de-com-para* os/as jovens.

2. Olhar a realidade juvenil⁵

Olhar a realidade juvenil da América Latina e do Caribe, realidade que impregna a juventude, é uma tarefa cada vez mais complexa e pode ser muito parcial, quando se parte de uma perspectiva somente de ordem social, econômica, cultural, religiosa ou política, e não a partir de uma integralidade. É esta “integralidade” que desejamos respeitar.

2.1 Mudança de época

Na mudança de paradigma em que se vive, o fenômeno da globalização, em sua dimensão econômica, cultural e comunicacional, rege – em grande parte - as mudanças significativas. A experiência da relatividade do espaço e do tempo, propiciada pelos Meios de Comunicação e de Informação, cria uma sociedade cada vez mais homogeneizada. Aproximam-se povos, regiões e Continentes, marcando um desenvolvimento rápido. O desafio é olhar esta realidade com os olhos da fé.

Novos sujeitos

A transição cultural faz surgir uma alteração nos modelos de identidade. Surgem “sujeitos novos”. De configurações fechadas e estáticas, passa-se a formas dinâmicas e flexíveis que demarcam características de identificação muito frágeis. Os jovens assimilam e socializam rapidamente esta nova dinâmica de construção da identidade, implicando em outra maneira de olhar o relacionamento consigo mesmo, com os demais, com a realidade e com o transcendente.

A vivência da interioridade

Em tempos de mudança de época, a importância da interioridade reaparece e tem um impacto particular. Falar desta interioridade é compreender que todo ser tem uma interioridade a descobrir, um mundo guardado que o conecta com as coisas, situações, lembranças, lugares, cheiros, sensações cada vez mais íntimas e, ao mesmo tempo, aspectos mais socializados e socializáveis, com a possibilidade de saber-se conectado com a transcendência, seja ela qual for.

Na vivência desta interioridade dos jovens, cabe menção especial à corporalidade. A corporalidade é uma mediação pela qual o/a jovem se conecta com os outros, com o mundo e com o Outro de forma especial e nova. Ele se relaciona a partir de dentro, sendo perceptivo do ser dos outros, do ser no mundo e do Outro. Dado que o corpo (a aparência) é caminho privilegiado de conexão e contato, é interessante ver como trabalhamos, com os/as jovens, a corporalidade, o conhecimento de si mesmos para entrarem neles mesmos, sem desvios, sem fugas e sem perdas.

2.2 A partir do fenômeno da globalização

As juventudes formam o maior grupo do Continente, com uma vulnerabilidade, característica da fase que os/as jovens vivem. Eles (os/as jovens) são vistos, por vezes, somente a partir de uma perspectiva de futuro, esquecendo que eles são, também, o presente

⁵ Nº 27 a 52.

e que buscam, no meio de tudo, definir sua própria identidade, oprimida por tantas situações novas que lhes vão demarcando um panorama incerto e inseguro.

3. Fatores que influem na realidade juvenil⁶

Numa visão geral da realidade da América Latina e do Caribe encontramos uma diversidade enorme de rostos concretos de jovens que sofrem a desestruturação da sociedade: rostos de jovens indígenas, de afro-americanos, de camponeses, de rostos dos mundos suburbanos marginalizados, de rostos que vivem privados dos recursos mais básicos, e sem possibilidades de serem visíveis, em meio a um sistema *neoliberal que promove, em nossos países, um processo de empobrecimento e de má distribuição das riquezas*⁷. Embora o cenário político do Continente Latino-Americano tenha mudado, um tanto, nos últimos anos é bom perguntar-se: qual é a participação dos jovens nesta engrenagem e nesta mudança? Como diz muito bem uma estudiosa:

*Desde algum tempo a juventude se vê mais distanciada do sistema político e da disputa eleitoral, o que se reflete nos baixos níveis de filiação partidária ou de participação em eleições, em muitos países. Na verdade, a juventude costuma sentir-se pouco representada nos espaços das decisões políticas*⁸.

3.1 A Cultura

Vivemos numa época de transformações culturais que afetam intensamente a vida de nossos povos, incidindo, no modo de ser, pensar e agir, especialmente dos jovens que enriquecem este Continente, chamado por João Paulo II, de Continente da Esperança. Somos chamados/as a viver a nossa originalidade e a reconhecer tudo o que a juventude está construindo, especialmente a partir de movimentos culturais, onde brotam as expressões vivas da juventude empobrecida.

3.2 Tecnologias de Informação e Comunicação

As novas tecnologias favorecem que o mundo se converta, sempre mais, em uma só e grande aldeia global, unida pelas redes sociais e comunidades virtuais que permitem que os adolescentes e os jovens sejam reconhecidos como os grandes “conhecedores” do manejo da informação.

Algumas características do paradigma da rede, particularmente incisivas, são: a acessibilidade e a usabilidade de conteúdos; a confusão da dimensão pública e privada; a continuidade entre a realidade e a virtualidade; a liberdade de intervenção; a participação e a publicação; o poder de comunicar-se graças às tecnologias de comunicação sempre mais simpáticas e fáceis; as novas formas de democracia e cidadania, graças às relações cada vez mais intensas e interligadas entre os conteúdos; os ambientes e as pertencas a diferentes comunidades virtuais que visam a colaboração e a interação social.

⁶ Nº 53 a 119.

⁷ Bento XVI, *Discurso ao Corpo Diplomático, 08 de janeiro de 2007.*

⁸ VILLACRES, Jessica. *Os contextos e as estruturas sociais da América Latina e do Caribe.* http://www.pjlatinoamericana.com/DISCERNIR_forosvirtuales.html.

Dizia o Papa Bento 16 que *a vós, jovens, que quase espontaneamente vos sentis em sintonia com estes novos meios de comunicação, a vós corresponde, de maneira particular, a tarefa de evangelizar este “Continente digital”*. Nas Conclusões do 3º Congresso Latino-Americano de Jovens, em Los Teques (Venezuela), os participantes também afirmavam que (...) *dada a influência das Tecnologias da Informação e da Comunicação, que afetam a vida dos adolescentes e jovens, nos vemos desafiados a formar-nos nos valores da dignidade humana, para discernir e assumir uma consciência crítica em relação ao uso da tecnologia e dos conteúdos da comunicação*.

3.3 A família

Os/As jovens se veem afetados/as, de modo dramático, pela desestrutura familiar, parte da realidade e das diferentes situações que os/as envolvem (pobreza, desemprego, desigualdade, violência, desamor, consumo, visão utilitarista, relativismo de valores, defesa de novos pseudomodelos de família, ideologia de gêneros...) em detrimento de seu desenvolvimento afetivo e de seu crescimento nos valores. Esta situação é mais chocante porque a família, segundo muitas pesquisas, é a instituição mais apreciada pelas juventudes.

3.4 A educação

Os/As jovens, no 2º Congresso Latino-Americano de Jovens, em Punta de Tralca, no Chile (1998), já expressavam seu temor ante o *“fortalecimento dos modelos educativos segundo o modelo neoliberal, onde é prioritária a produção, menosprezando os valores fundamentais do homem”*. Verifica-se que, embora os jovens tenham um nível educacional mais elevado do que o das gerações passadas, e continuem e concluam o ensino secundário, persiste, de modo alarmante, a deserção escolar, sobretudo entre os/as jovens mais pobres. Isto se deve tanto à falta de oportunidades e de orientação, como ao fato de eles/as terem que ajudar suas famílias que vivem na pobreza ou na extrema pobreza. Não deixa de ser um desafio a falta de acesso a escolas ou instituições de ensino, juntamente com os problemas familiares, sociais, econômicos, que os coloca em uma posição de desigualdade frente ao futuro.

3.5 A pobreza

Muitos de nossos/as jovens são formados/as por rostos sofridos que vivem no cenário que vamos descrevendo e, além disso, não estudam e são obrigados a trabalhar, desde cedo, para levar algum sustento para suas casas, com empregos que pouco os/as ajudam a melhorar ou equilibrar a sua situação. A pobreza é o rosto da maioria dos jovens latino-americanos.

3.6 O desemprego

Falando de desemprego, levantam-se as preocupações sobre a deficiência na qualidade da educação ou sobre a capacitação que muitos recebem ou a exigência que se apresenta à juventude da *experiência de trabalho*. Isso faz com que haja grande mobilidade ou migração juvenil, agravando a situação dos lugares aonde eles/as chegam. Fica sempre mais evidente que, em nosso Continente, esta mobilidade tem um rosto juvenil. Outra situação muito particular, no campo do desemprego, é a inclusão das mulheres no campo de trabalho, colocando-a em desvantagem, em relação ao salário dos homens.

3.7 A migração

Como um fenômeno social, a migração sempre existiu, de modo intenso, em nosso Continente. No entanto, hoje existe uma mobilidade exacerbada, especialmente de adolescentes e jovens, para os países com nível socioeconômico mais alto, e que oferecem melhores possibilidades de vida⁹, agregando-se a esta situação o capítulo do tráfico de pessoas.

3.8 Violência e juventude

A violência juvenil é produto de uma série de interações sociais, entre as quais, a pobreza. Contudo, com relação à juventude, mais do que violentos, é claro que os jovens são mais violentados, uma verdade que a sociedade teima em não querer aceitar.

A integração a organizações ou redes de narcotráfico e a delinquência juvenil crescem, como um câncer, como opção entre os jovens. São situações que obscurecem suas vidas e os/as levam a um abismo, sem esperança e sem futuro: a prostituição, o crime, os assassinatos, o tráfico e a aquisição de armas. Esta tendência, em ascensão, já é vivida por menores de idade, não só por homens, mas igualmente por mulheres que já passam a fazer parte das estatísticas de mortalidade por causa da violência. Não é algo que os/as jovens querem; são levados/as a isso por uma sociedade orientada para o lucro.

Em termos gerais, os jovens latino-americanos e caribenhos são vítimas de um círculo vicioso desencadeado em torno ao uso abusivo de drogas ou em torno de atos furtivos, roubos e outros crimes contra o patrimônio; são, também vítimas de famílias desestruturadas e formas institucionais de violências, produtos da ação alienante dos Meios de Comunicação que escondem as causas da violência, sempre culpando aqueles que já sofrem.

3.9 Biodiversidade e Ecologia

Com desencanto e tristeza vemos como, por décadas, se realizaram e se realizam duras batalhas pela conservação do meio ambiente. Trata-se, muitas vezes, de lutas manifestadas contra os próprios governos gestando acordos ou tratados com nações, empresas e pessoas poderosas, querendo lucrar com a Mãe Terra. Uma política que transforma tudo em "lucro", esquece a vida. Hoje sofremos consequências irreversíveis pelas explorações indiscriminadas dos solos, matas e bosques; pela poluição das águas; pelo cultivo de transgênicos e pelo uso de agrotóxicos.

Daí a urgência de uma cultura ecológica que permita, de alguma forma, salvar e preservar esta herança da criação, proclamada e gritada como um desafio pelo 3º Congresso Latino-Americano de Jovens, afirmando que *na ausência de uma sólida cultura ecológica, provocada por um conceito muito fragmentado e deficiente de ecologia, devemos promover caminhos que possibilitem o respeito pela vida e pela natureza.*

⁹ Veja-se *Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana*. IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, nº 414, ano XIII, 15 de abril de 2013.

3.10 Outras realidades

Afetividade e sexualidade

Vivemos numa sociedade que semeia a dúvida sobre a ideia de comprometer-se, em nome do amor; vivemos numa sociedade onde se verifica uma vida familiar desestruturada manifestando-se na separação e no divórcio dos pais, um fator que marca profundamente a vida psíquica dos/as jovens. Além disso, muitas vezes, a dimensão afetivo-sexual, acaba sendo experimentada por meio da sedução e da agressão sexual.

São evidentes, por outro lado, as correntes ideológicas apresentando, "políticas de gênero" que desembocam na confusão dos sexos, impedindo, a adolescentes e jovens, adquirirem o sentido da diferença sexual e da relação entre uma pessoa e outra. Apesar disso, contudo, a maioria dos jovens valoriza a família, quer-se casar e fundar uma família, mesmo não sabendo o que é constituir uma relação permanente.

Homossexualidade

Gradualmente, constata-se uma desestabilização do modo como se consideram as relações tradicionais entre homens e mulheres. Esta desestabilização deu lugar a uma era de incertezas em que muitas noções, consideradas "naturais", estão sendo submetidas a um questionamento jamais visto. Um exemplo disso é a sexualidade, como tal.

A homossexualidade, como um fenômeno que afeta a juventude, não pode ser um assunto alheio à Pastoral da Juventude. Muitos têm esperado que as Ciências superassem o assunto, de uma forma e de outra, de forma segura e conclusiva. No entanto, até o momento, não foi possível estabelecer causas diretas e conclusivas; apenas algumas correlações.

VIH/SIDA

São cada vez mais frequentes os casos de jovens, em nossa região, infectados com HIV/AIDS, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Este flagelo está "acabando", de forma desmedida, as vidas de milhões de jovens. Tornou-se uma crise difícil de controlar. Além disso, avança, silenciosamente, entre a população cada vez mais jovem.

Drogadição e alcoolismo

A mudança de época alterou os fatores de risco com relação ao uso de substâncias psicoativas, passando-se de valores homogêneos a heterogêneos; de baixos níveis de informação a um alto grau de informação, graças ao desenvolvimento da internet; de um modelo de família nuclear, ao que se vive, atualmente, com respeito à decomposição familiar.

Os vícios do mundo juvenil abrangem uma grande variedade de perfis, tendo uma relação direta com a personalidade do/a jovem. Estas adições são tidas como um meio de fuga da realidade em que se quer desconhecer certos estados de ânimo, predominando o não poder conter a constante necessidade de tomar uma determinada atitude; reinando o domínio e a necessidade mais do que a vontade própria; desestabilizando seu entorno, seja ele a família, a escola, o trabalho, a vida social, etc.

Os sentimentos, como a felicidade e o prazer, são vendidos nos Meios de Comunicação como efêmeros e fugazes, despertando, também nas juventudes, condutas consumistas, ligadas aos círculos viciosos, onde, para encontrar níveis de felicidade, se deve consumir mais e mais porque os sentimentos não se baseiam em raízes profundas do ser, mas em imediatidades que, muitas vezes, deixam altos níveis de decepção e frustração.

Como diz o documento de Aparecida (422), *os Estados e as Igrejas são instituições responsáveis pela prevenção baseada em investigações científicas que desenvolvam nos jovens hábitos para a vida, estilos de vida saudáveis, e que insistam na educação de valor diante da vida e do amor que, realmente dignificam a vida dos jovens, como filhos de Deus.*

Prostituição

A prostituição é um fenômeno social complexo que afeta, de modo particular, o segmento juvenil. As causas do problema são, especialmente, três: a causa psicológica (violência intra-familiar, agressões, abusos...); a causa econômica (miséria, pobreza, desemprego, desintegração familiar...); e a baixa qualidade da educação.

É evidente que a prostituição denigre a pessoa, a ponto de ela (também o/a jovem) tornar-se um objeto. A prostituição leva a fazer do corpo uma mercadoria que se vende.

4. As polaridades que os jovens vivem¹⁰

A realidade juvenil revela grandes paradoxos:

a) As juventudes têm maior acesso à informação e ao conhecimento do que os adultos tiveram; no entanto, seguem em desvantagem no mundo do trabalho e nas oportunidades de trabalho decente;

b) Diminuíram as mortes por enfermidades infecciosas, mas aumentaram as mortes originadas por causas externas, como os acidentes e a violência;

c) Há uma expectativa mais elevada de vida, mas são mais escassas as oportunidades para os/as jovens atingirem seus objetivos desejados;

d) Os valores e as utopias sociais são uma necessidade, contudo, há uma ruptura ou um desvio das normas sociais;

e) Há uma autonomia mais aberta, mas menos possibilidades para que a juventude consiga vive-la realmente;

f) Há uma maior coesão entre os jovens, no entanto, suas agrupações são heterogêneas e um tanto impermeáveis em relação aos outros;

g) As juventudes parecem ser mais adequadas para a mudança produtiva, mas são excluídas da produção;

¹⁰ Nº 120 a 138.

h) As juventudes ocupam um lugar nas políticas e são protagonistas na mudança, mas fecham-se, ainda, os espaços para elas;

i) Há maiores oportunidades para o bem-estar, mas são poucos os meios para gozar dele;

j) Há, por um lado, autodeterminação e protagonismo, mas precariedade e desmobilização por outro;

k) Há mais saúde, mas menos reconhecimento da morbi-mortalidade;

l) Há mais mobilidade e facilidade de deslocamento, mas as juventudes são afetadas, enfrentando trajetórias incertas de migração bem como exigências que impedem.

Estas polaridades exigem que a educação e a ação pastoral tenham uma postura de discernimento, de proposta e de profecia. Há, contudo, outras polaridades que precisam ser consideradas. Destacamos:

Complexidade e liberdade

Muitos têm a impressão de que vivemos em um mundo confuso com relação ao que é bom e ao que é ruim. Os sociólogos falam de *complexidade*, uma situação social e cultural onde são muitas as mensagens e linguagens; muitas as concepções de vida que estão na base, e diversas e autônomas as agências que as promovem. Incompatíveis e inumeráveis são os interesses que as impulsionam. Não há autoridade capaz de propor, realmente, e ajudar a aceitar uma visão comum do mundo e da vida humana, um sistema de normas morais, uma visão da existência e um "catálogo" de valores comuns. A situação requer encontrar o que está por trás dessas aparências e manifestações. Fica evidente que, sob estas condições, os processos de apoio educativo e *os processos de acompanhamento pastoral* são difíceis. Por vezes os adultos não se sentem preparados para responder ao novo processo cultural.

O problema educativo da identidade, contudo, não é novo. Em todos os tempos, as juventudes tiveram que enfrentá-lo para se fazerem conscientes de si mesmas e situar-se de modo positivo no sistema social. São razões que devem provocar as juventudes a que elaborem seu projeto de vida pessoal e comunitário. É um caminho para sair da prisão.

Relativismo e verdade

O surgimento da relatividade é uma das chaves de leitura para interpretar a cultura contemporânea. Isso está ligado ao reconhecimento da singularidade de cada pessoa e ao valor de sua experiência e interioridade.

Proveito individual e solidariedade

A complexidade e o subjetivismo influem sobre a relação entre a busca do proveito próprio e a abertura solidária aos demais. Houve um tempo em que se pensava que era possível organizar uma sociedade livre e justa e que, por leis e estruturas, reinariam condições de bem-estar para todos. Muitos jovens se apaixonaram, por isso, com a transformação da sociedade e com a libertação dos povos. A preparação para o compromisso político fazia

parte da formação humana e da prática da fé; era um sinal de responsabilidade madura e de generoso idealismo.

Hoje vivemos na "era do mercado", como mentalidade e como enfoque social. Vai ganhando terreno uma concepção individualista do social. A sociedade é considerada como uma soma de indivíduos; cada um é levado a buscar o seu interesse pessoal e a satisfação das suas necessidades, potencialmente ilimitadas.

Amadurecimento da fé dos jovens neste contexto

Há, em toda a parte, uma *religiosidade difusa* que toma os caminhos mais diversos. Responde à busca de sentido numa sociedade que não sabe oferecê-lo; responde a uma vaga percepção de outra dimensão da existência, inexpressada, tingindo a fé de um forte subjetivismo. Separada do concreto dos acontecimentos históricos da salvação, a religiosidade torna-se, também, extremamente frágil: uma espécie de bem de consumo, do qual todos fazem o uso que quiserem. Coloca-se a religiosidade ao lado dos outros aspectos da vida e do pensamento, moldando-se de forma autônoma. O perigo é a separação entre a vida e a fé, entre a fé e a cultura.

5. Processo histórico da participação da juventude na América Latina¹¹

Fazer memória histórica é algo que aprendemos das Escrituras. Aprendemos nelas que não podemos olhar para frente, se não reconhecermos o olhar do passado. A América Latina, deu, certamente, passos de gigante na sua história, passos carregados com uma série de eventos marcados, desde seus inícios, por intervenções sofridas, mas que redefiniram a história dos países em sua identidade, e em sua heterogeneidade étnica colorida e participativa.

Já se disse que a juventude se transforma num espelho da sociedade; ela é um paradigma para os problemas cruciais das sociedades complexas. Ter um olhar retrospectivo, firmado no Horizonte do ser humano, por isso, resulta em tentativas de aproximar-se da multiplicidade de cenários vividos pela juventude latino-americana através de sua história. Isso não é uma tarefa fácil, devido à complexidade e à variedade de situações, fatos e circunstâncias que abarcam esta história.

Somos convidados a dar, por isso, uma olhada rápida e, até, superficial de como essa história se manifestou nos últimos 80 anos, em nosso Continente. Para fazer-nos entender, evocamos e escolhemos alguns aspectos, atendo-nos a manifestações que, por sua autonomia, interferiram na vida dos/as jovens: as rebeliões e as respostas a situações culturais e políticas; os movimentos revolucionários e guerrilheiros, que foram dando outra direção aos caminhos e às decisões públicas; e os fatos transcendentais de assassinatos e de extermínio que terminaram e terminam com a vida de muitos jovens.

¹¹ Nº 139 a 155.

5.1 A rebelião dos universitários

A Universidade sempre foi e não deixa de ser uma caixa de ressonância, onde se gestaram e se gestam lutas significativas pela transformação da educação e pela justiça na sociedade. Os universitários, como parte da Universidade, não deixam de ser privilegiados: além de sua situação econômica, eles têm uma percepção dos seus problemas e dos problemas de seu entorno.

Recordamos, para tanto: a rebelião dos universitários de Córdoba, na Argentina (1918); a luta pela Reforma da Universidade no Chile, onde os universitários fizeram surgir a Universidade Popular Asturria; a fonte de mobilização pela Reforma Universitária no Peru. Chama a atenção, igualmente a juventude da Semana de Arte Moderna (Brasil, 1922); o “Bogotaço”, na Colômbia, em 1948¹²; o Cordobaço, em Córdoba, em 1968; o massacre dos estudantes em Tlatelolco, na Praça das Três Culturas, no México (1968); a revolta de El Alto (Bolívia), com a Fundação da Universidade Popular etc.

5.2 Movimentos Revolucionários e Guerrilheiros

É raro não encontrar, nos países latino-americanos, um deles onde não tivesse tido alguma "revolução" ou alguma "guerrilha" nestes 80 anos que estamos contemplando. Basta recordar a Guerrilha do Araguaia (Brasil), onde muitos jovens universitários participaram; no Paraguai, o movimento guerrilheiro que se conhece como "14 de Maio" e "Frente Unida de Libertação Nacional" (FULNA) contra a ditadura de Stroessner, em 1959, formada por exilados de uma organização militar e por uma guerrilha urbana, incipiente, na década de 70, composta por estudantes universitários. Na Argentina, são conhecidos, por seus sucessos e fracassos, os "Montoneros"¹³, que lutaram contra o chamado “processo” militar; no Uruguai, o movimento dos “Tupamaros”, que inquietou a sociedade e foi duramente perseguido (1962-1973). Podemos evocar, igualmente, o "tenentismo" (no Brasil) e diferentes movimentos de jovens ativistas durante as ditaduras no Continente e a “Juventude Militar”, no Chile; os guerrilheiros de Teoponte, na Bolívia; a Juventude Sandinista, na Nicarágua; e a Frente Nacional de Libertação Farabundo Martí, em El Salvador. No Peru, houve dois movimentos de guerrilha que se relacionavam: o "Movimento Revolucionário Tupac Amaru”, querendo levar em frente a "Guerra Revolucionária do Povo", e o movimento "Sendero Luminoso" que inquietou o país por muitos anos. É evidente que a revolução cubana também foi regada pelo sangue de muitos jovens. Entre os "Mártires da Guatemala” não faltaram os jovens porque milhares deles foram mortos, sequestrados e mortos durante uma guerra civil de 36 anos.

5.3 Contestações Culturais e Políticas

Começamos recordando a força dos movimentos estudantis católicos argentinos, talvez influenciados pelo movimento dos "Sacerdotes para o Terceiro Mundo." Não foi à toa que vários assessores da Juventude Estudantil Católica foram mortos, sendo massacrada, igualmente, toda uma comunidade de seminaristas e sacerdotes palotinos, em Buenos Aires, por causa do trabalho que realizavam com a juventude.

¹² O “Bogotaço” é conhecido, como tal, como um período de protestos e desordens e repressão que se seguiram ao assassinato do estudante Jorge Eliécer Gaitán, em abril de 1948, no centro de Bogotá.

¹³ “Montoneros”, uma organização guerrilheira argentina que se identificava com a esquerda peronista e que desenvolveu a luta armada entre 1970 e 1979. Sua maior força se concentra em 1976.

Em Buenos Aires funcionavam, nos anos 60, os *Centros de Arte del Di Tella*; publicavam-se revistas como *Eco Contemporáneo*, fazendo filmes nacionais e fomentando um *Rock Nacional*. Algo semelhante havia acontecido no Chile, levando para o povo a estética, na luta social, por meio de artistas como Pablo Neruda e Gabriela Mistral. As contestações políticas e sociais eram muito fortes no Brasil, nas décadas de 1960 a 1970, através da música, do Teatro de Arena e de outras iniciativas tomadas pelo mundo dos jovens. O mesmo aconteceu na ditadura de Stroessner, no Paraguai, com festivais de música e teatro em universidades e teatro popular com os camponeses, através das Ligas Agrárias, com o apoio especial dos jesuítas, expulsos do país mais de uma vez. Foi, também, a arte que levou a juventude uruguaia para se manifestar no tempo da repressão, através da música "engajada".

5.4 Jovens Exterminados

Entre as paisagens mais trágicas e dolorosas, que a história nos leva a olhar e refletir e reconhecer, está a Guatemala, onde o resultado de confrontos entre a guerrilha e as forças do governo significou a morte de milhares de pessoas, incluindo os jovens, especialmente pertencentes ao povo indígena. O mesmo ocorreu em El Salvador, onde os que desejavam trabalhar, por exemplo, com a Juventude Estudantil Católica, de repente, da noite para o dia, não encontraram mais seus companheiros de grupo, assassinados pelas forças paramilitares. Além disso, precisamos contemplar a matança de jovens mexicanos, na Praça de Tlatelolco; os massacres pela luta pela libertação, ocorridos em vários países da América Central, Nicarágua e Panamá. É preciso recordar, igualmente, os jovens assassinados e desaparecidos, na Argentina; as mortes de jovens chilenos, não só na ditadura de Pinochet, mas também no massacre de *Seguro Obrero* na década de vinte; os palotinos mortos porque trabalhavam com os jovens; a morte, na guerrilha, de jovens colombianos, e toda uma onda tenebrosa de assassinatos e extermínios da juventude, ao longo de décadas em toda a nossa região, manchando de sangue o solo juvenil latino-americano e caribenho.

6. Ser jovem na America Latina¹⁴

Precisamos olhar o que podemos chamar de “contrapartida” da realidade juvenil, porque, apesar de tudo que vimos anteriormente, muitos jovens marcam, irão marcar e vão deixar marcas indeléveis na nossa história, partindo de seus sonhos e utopias, abrindo portas e propondo amplos horizontes, a partir de um compromisso social, político ou religioso, que mobilizou e mobilizará nossas juventudes de diferentes maneiras.

Há três palavras muito fortes que ressoam no mundo dos jovens do nosso Continente: o reconhecimento, a identificação e a participação. Nestas palavras estão grande parte dos sonhos da juventude:

- O reconhecimento da *juventude como uma novidade* que se manifesta através da música, dos símbolos, das linguagens, das expressões idiomáticas, da corporeidade, das crenças, dos ideais e da fé. A juventude quer deixar de ser invisível e ser reconhecida, num mundo onde as decisões importantes ainda estão nas mãos dos adultos.

¹⁴ Nº 156 a 175.

- *Identificação.* A juventude latino-americana luta por um processo sociocultural construído por homens e mulheres, indígenas, negros e brancos, mulatos e mestiços imigrantes, camponeses, urbanos, estudantes universitários, trabalhadores, jovens desde a sua especificidade, lutando para não serem estigmatizados, mas serem respeitados a partir de sua pessoa, a partir do que são e do que vão gerando de modo coletivo. A juventude sente-se mais forte com o reconhecimento desta identidade.
- *Participação.* Os jovens da América Latina, reunidos no Congresso de Los Teques (Venezuela), em 2010, afirmam, nas Conclusões, que o que os marca é o espírito e a ansiedade por espaços participativos, dizendo que desejam *uma sociedade democrática, justa e de paz que defende o direito a uma vida digna, onde sejamos reconhecidos e valorizados, encontrando sentido pleno à vida, sendo protagonistas do processo transformador da realidade.*

Com a convicção daquele que se arrisca, se envolve, propõe e transforma, a partir de diferentes contextos e interesses, encontramos grupos de jovens na América Latina e no Caribe, reunidos em sindicatos, associações ecológicas, esportivas, estudantis, religiosas, políticas, entre muitas outras, que buscam maior participação em várias instâncias, sejam públicas ou privadas; encontramos os envolvidos na luta em defesa da vida, pela paz, contra a violência e o extermínio; envolvidos com a causa indígena e as políticas públicas; encontramos aqueles que influenciam em diversos projetos sobre a juventude, na construção e no prevailecimento da democracia; que sonham com o respeito pelos direitos humanos, pela vida mais segura, por uma melhor educação, uma saúde melhor, mais cultura e mais emprego. São jovens que sonham com uma participação visível, tangível, e o fazem através de ações específicas e reivindicações concretas.

- Afirmamos que a verdade é que a riqueza do mundo juvenil está, precisamente, na sua diversidade, permitindo diferenciar as várias manifestações culturais, impregnadas de valores que partem do modo de ser e de pensar dos jovens. Ser Discípulo Missionário implica acompanhar uma juventude de fé, acreditar na juventude, ser capaz de ver *um novo Céu e uma nova Terra* fazendo real um dos sonhos que a juventude repetiu no Terceiro Congresso Latino-Americano de Jovens.



II. AS TRILHAS PARA O HORIZONTE JÁ TÊM HISTÓRIA

Marco Histórico

*Recorda-te de todo o caminho
que Deus te fez percorrer (Dt 8,2)*

Faz tempo que – como jovens de Igreja - estamos peregrinando, como Pastoral da Juventude da América Latina, seguindo os passos do Mestre. Depois de ter olhado com os olhos de Jesus e os olhos dos jovens, a realidade em que nos encontramos, queremos dar atenção ao percurso histórico desta Pastoral.

1. PRONUNCIAMENTOS EPISCOPAIS ¹⁵

Considerando-se que seria uma tarefa quase impossível apresentar tudo o que foi feito e se faz, o que foi dito ou falado, por meio de seus pastores, sobre a juventude em nosso Continente, optamos por recordar os "discursos" orgânicos dos pastores latino-americanos, em suas Conferências Gerais, para, em seguida, olhar a história da Pastoral da Juventude fazendo-se, construindo-se, lembrando que a mesma caminhada foi feita ao lado e junto dos discursos e intuições de seus pastores.

Até este momento, houve cinco Conferências. Daremos enfoque ao que foi dito sobre a juventude nas últimas quatro.

¹⁵ Nº 179 a 224.

1.1 Juventude na Conferência de Medellín (1968)

A juventude, afirmam os Bispos, vive um período de crise, onde alguns dos/as jovens aceitam as "formas burguesas da sociedade" e outros/as as rejeitam. A juventude quer transformações profundas que garantam uma sociedade justa. Não quer princípios doutrinários; espera apoio moral em sua tendência para o personalismo, para certo idealismo excessivo, para o inconformismo radical que nega o passado; para certo tipo de espontaneidade, negando a autoridade e tudo o que é formal.

Os/As jovens são convidados/as, pela Igreja, a promover uma revitalização, mantendo a fé na vida e mantendo sua capacidade de alegrar-se com o que está começando. A juventude é o símbolo da Igreja chamada a viver uma constante renovação de si mesma. Por isso ela quer desenvolver, dentro da pastoral de conjunto, uma Pastoral da Juventude, procurando educar os jovens a partir da vida deles, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial.

Isso implica: a elaboração de uma pedagogia orgânica de juventude, estimulando uma formação humana e cristã e uma autêntica formação da personalidade, que leve à liberdade; o conhecimento da realidade sócio-religiosa da juventude; a promoção de Centros de Estudo e Pesquisa; a inserção dos jovens em situações de desenvolvimento; o diálogo sincero e permanente com a juventude, organizada ou não (Medellin, Juventude, nº 14).

Entre as dez pistas que a Conferência propõe, destacamos: 1) que se consultem os jovens na elaboração da Pastoral da Juventude; 2) que se estimule a ação dos jovens na transformação das estruturas sociais; 3) que se dê importância à formação de assistentes da juventude.

1.2 Pastoral da Juventude na Conferência de Puebla (1979)

Na quarta parte das Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla (1979), tratando da Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina, o episcopado faz duas opções preferenciais que marcaram a Conferência: a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens. O que mais desorienta o/a jovem é a ameaça à sua exigência de autenticidade. A juventude é manipulada, especialmente, na política e em seu tempo livre. A falta de formação e falta de assessorias equilibradas levam-na a radicalizações

A Igreja vê, na juventude, um símbolo de si mesma, não por tática ou por estratégia, mas por vocação. Entre os jovens há aqueles que a amam; outros a questionam, desejando-a mais autêntica; outros a abandonam. Existem, também, os que são indiferentes, inquietos e reprimidos e os que buscam a igreja como instrumento de contestação; outros a rejeitam. Eles podem sentir-se frustrados por um mau planejamento pastoral. Sentem falta de assessores preparados, embora existam bons assessores e boas assessoras.

Por isso, a Assembleia deseja que se desenvolva, de acordo com a pastoral diferenciada e orgânica, uma Pastoral da Juventude: que leve em conta a realidade social dos jovens; atenda ao aprofundamento e ao crescimento da fé para a comunhão com Deus e com os homens e mulheres; que oriente a opção vocacional dos jovens e lhes ofereça elementos para que se convertam em fatores de transformação; que lhes proporcione canais efetivos de participação ativa na Igreja e na sociedade (cf. DP 1187).

1.3 Evangelização da Juventude na Conferência de Santo Domingo (1992)

O documento conclusivo da Conferência começa com uma visão geral da situação dos jovens sendo vítimas do empobrecimento, da marginalização social, do desemprego e do subemprego; de uma má qualidade da educação formal e tecnológica, do tráfico de drogas, da guerrilha, das "gangues", da prostituição, do alcoolismo e do abuso sexual. Há jovens *adormecidos* pelas propagandas; *alienados* por imposições culturais e pelo pragmatismo imediatista. Há, também, os/as que reagem contra o consumismo, sensibilizando-se pela dor dos mais pobres, comprometendo-se com a sociedade e denunciando a corrupção; há os que se reúnem em grupos, missionários e missionárias e apóstolos, preocupados com questões vitais, sentindo-se desafiados a montar um projeto de vida pessoal e comunitário e em serem acompanhados/as em seus caminhos de crescimento na fé e no seu trabalho pastoral.

Entre os compromissos pastorais assumidos, a IVª Conferência Geral de Santo Domingo reafirma a opção preferencial de Puebla pelos jovens. Que seja uma opção não só afetiva, mas também efetiva (opção por uma Pastoral da Juventude orgânica, com acompanhamento, com apoio real, com diálogo, com mais recursos pessoais e materiais e com dimensão vocacional). Entre as sete atividades apontadas, destacam-se duas: 1) a capacitação para que os evangelizados conheçam e respondam aos impactos culturais e sociais; 2) a dinamização de uma espiritualidade do seguimento de Jesus, propiciando um encontro de fé e vida, de promoção da justiça e da gestação de uma nova cultura de vida.

1.4 Juventude e Pastoral da Juventude em Aparecida (2007)

Para os pastores, reunidos em Aparecida (Brasil), os jovens continuam a ser uma prioridade. Afirmam que os jovens e os adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e Caribe e representam um enorme potencial para o presente e para o futuro da Igreja e de nossos povos (DA, 443).

Olhando a realidade juvenil na *perspectiva cultural*, os jovens são descritos como guiados pelo descontrole do mercado: *a avidez do mercado descontrola o desejo das crianças, jovens e adultos* (cf. DA, 50). Na mesma direção vai a cultura do consumo: *As novas gerações são as mais afetadas por esta cultura de consumo em suas aspirações pessoais mais profundas*. Para as novas gerações, "o futuro é incerto." O Documento se refere, também, à vida encarada como um espetáculo, onde vale a aparência e onde o corpo, como "território privado" (e não relacionado com o outro), está em primeiro lugar.

Nos "rostos daqueles que sofrem" aparecem cerca de 20 personagens: os pobres, os migrantes, os deslocados, os camponeses, os que estão na economia informal, os meninos/as na prostituição, os dependentes de drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e as vítimas de graves doenças (malária, HIV-AIDS); aqueles que sofrem de solidão, os sequestrados, as vítimas da violência do terrorismo e dos conflitos armados, os idosos e os prisioneiros. Todos eles não são, apenas, explorados e oprimidos, mas excluídos. Entre eles também estão os/as jovens (cf. DA, 65).

Falando da *educação*, o episcopado afirma que se pode observar que, no esforço de adaptar-se às novas exigências, olha-se a educação em função da produtividade, da competitividade e do mercado. A Igreja, contudo, convida a promover uma educação de qualidade para todos, especialmente para os pobres, isto é, uma educação, que ofereça às crianças, jovens e

adultos um encontro com os valores culturais próprios do país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente (DA, 334).

A *família* é a instituição na qual a juventude mais confia. Em Aparecida, ela aparece como uma boa notícia (DA, 114-119), buscando sensibilizar para esta realidade, tão antiga e tão nova, quanto a humanidade, que nasce de suas entranhas. A família é seu patrimônio e, ao mesmo tempo, uma instância chamada para ser um autêntico espaço de discipulado missionário para que nossos povos tenham vida (DA, 114-119). Torna-se, cada vez mais, impensável uma evangelização da juventude, sem uma interação familiar, ou porque ela forma o jovem ou porque o/a jovem evangeliza a família.

Quanto aos critérios gerais para a *formação*, o documento de Aparecida identifica cinco condições: que ela seja integral, contínua e kerigmática; que ela esteja atenta às diferentes dimensões; que seja respeitosa dos processos; que contemple o acompanhamento dos discípulos e que seja uma formação com espiritualidade missionária.

Uma fonte de sofrimento da juventude é a *violência* que se reveste de várias maneiras e tem vários atores: o crime organizado e o narcotráfico, os grupos paramilitares, a violência na periferia, a violência de grupos juvenis e a crescente violência doméstica (DA, 78). Outra forma de violência é o tráfico de pessoas. Como dizem os bispos, *acontece, também, um vergonhoso tráfico de pessoas, incluindo a prostituição, inclusive de menores* (DA, 73). As drogas são, indiscutivelmente, uma causa de muitas violências, problemas e preconceitos. Atinge a todos e é como uma mancha de óleo que invade tudo (DA, 422).

Destacam-se, no Documento, de modo especial, quatro qualidades juvenis: a *sensibilidade*; os jovens "são sensíveis para descobrir sua vocação." O Documento assinala que João Paulo II os chamou de "sentinelas da manhã". A *generosidade*. Os jovens são generosos para servir, especialmente os mais necessitados. A *potencialidade*. Os jovens "são capazes de opor-se às ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos da droga, do prazer, do álcool e todas as formas de violência". A *missionaridade*. "As novas gerações" – afirma o Documento – "são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens a corrente de vida que vem de Cristo e a partilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade" (DA, 443).

Falando de *sombras juvenis*, enumeram-se onze: as sequelas da pobreza; a socialização dos valores; os valores estabelecidos em novos ambientes pelo peso da alienação; a permeabilidade das novas formas de expressões culturais que afetam a identidade pessoal e social do jovem; o fato de a juventude ser vítima fácil de novas propostas religiosas e pseudo-religiosas; as crises da família, produzindo no jovem profundas carências afetivas e conflitos emocionais; a repercussão que tem, na juventude, uma educação de má qualidade; a ausência de jovens na esfera política, em vista da desconfiança que geram as situações de corrupção; o descrédito dos políticos e a busca de interesses pessoais frente ao bem comum; o suicídio de jovens; a impossibilidade de estudar e trabalhar; o fato de os/as jovens serem obrigados a deixar seus países, dando, ao fenômeno da mobilidade humana e da migração, um rosto juvenil; o uso indiscriminado e abusivo da comunicação (DA, cf. 444-445).

De forma breve, o Documento de Aparecida sugere "algumas linhas de ação". São elas:

- a) Renovar (em estreita ligação com a família) a opção preferencial pelos jovens, dando um novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais;

- b) Estimular os Movimentos Eclesiais, convidando-os a colocar mais generosamente a sua riqueza carismática, educacional e missionária a serviço das Igrejas locais;
- c) Propor aos jovens o encontro com Jesus Cristo e a segui-Lo na Igreja, que lhes deve garantir a realização de sua dignidade, os estimule a formar a sua personalidade, proponha-lhes uma opção vocacional e os introduza na oração pessoal, na *Lectio Divina*, na frequência aos sacramentos, na direção espiritual e no apostolado;
- d) Privilegiar, na Pastoral da Juventude, os processos de educação e amadurecimento na fé como resposta ao sentido e à orientação da vida, garantindo o espírito missionário;
- e) Implementar uma catequese atrativa para os/as jovens, introduzindo-os/as no conhecimento do mistério de Cristo e mostrando-lhes a beleza da Eucaristia dominical;
- f) Incentivar uma verdadeira Pastoral da Juventude que ajude os/as jovens a formar-se, gradualmente, para a ação social e política e para a mudança de estruturas, conforme a Doutrina Social da Igreja, assumindo a opção preferencial e evangélica pelos pobres e necessitados;
- g) Urgir a formação de jovens para que tenham oportunidades no mundo do trabalho e evitar que caiam nas drogas e na violência;
- h) Procurar uma maior harmonia entre o mundo adulto e o mundo dos jovens nas metodologias pastorais;
- i) Assegurar a participação dos/as jovens em peregrinações, nas Jornadas Nacionais e Mundiais da Juventude, com a devida preparação espiritual e missionária e acompanhamento de seus pastores.

2. PERCURSO DA PASTORAL DA JUVENTUDE NA AMÉRICA LATINA¹⁶

A Pastoral da Juventude da América Latina, como ação organizada da Igreja para acompanhar os jovens a descobrir, seguir e comprometer-se com Jesus Cristo e sua mensagem, transformados em homens/mulheres que integrem fé e vida e sejam protagonistas da construção da Civilização do Amor, começa a sua caminhada imediatamente após a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968).

2.1 A História

Em fevereiro de 1976 a Seção Juventude, do CELAM, se propôs descobrir os problemas e as grandes tendências do mundo dos/as jovens, visando realizar uma reflexão teológica e imprimir, na Pastoral da Juventude do Continente, uma orientação clara e coerente, impulsionando uma Pastoral da Juventude orgânica.

Do teórico ao prático (1977 a 1982)

Os cinco primeiros anos estavam orientados para:

¹⁶ Nº 225 a 305.

- a) analisar a problemática juvenil latino-americana dos/as jovens, procurando adquirir uma visão mais global dentro da Pastoral de Conjunto;
- b) sistematizar as experiências de evangelização da juventude e a compilação dos escritos sobre a Pastoral da Juventude no Continente Latino-Americano;
- c) deduzir alguns elementos para a determinação de um modelo de Planejamento Pastoral da Juventude que permita aos participantes transferi-lo a seu campo pastoral próprio;
- d) iniciar, tecnicamente, a formação dos responsáveis da Pastoral da Juventude, formando critérios e habilidades para pesquisar, planejar, administrar e avaliar a Pastoral da Juventude.

Para uma Pastoral da Juventude Orgânica

Foi em 1983, após a Conferência Episcopal de Puebla, com a sua opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, que se solidificou o caminhar conjunto de todos os jovens unidos na Pastoral da Juventude. A proposta orgânica tem sido impulsionada por causa da dispersão e do isolamento dos grupos de jovens; pela falta de objetivos claros, não sabendo por que se reuniam; pela improvisação baseada, muitas vezes, na emoção e em certo fanatismo; pela influência das Comunidades Eclesiais de Base e pela Pastoral de Conjunto, como tal¹⁷. É esse percurso que veremos em suas diferentes formulações teológicas e pedagógicas.

O caminho da revitalização

A etapa que, atualmente (2012), a Pastoral está percorrendo, é marcada pelo *Proyecto de Revitalización de la Pastoral Juvenil Latinoamericana*, que busca realizar uma dimensão de vida nova e de prática nova desta Pastoral, a partir da vida dos jovens latino-americanos, em seus diversos contextos e, a partir de uma profunda experiência de conversão pessoal, pastoral e eclesial, para que se gere a atualização das orientações pastorais como caminho de discipulado missionário, dando vida aos nossos povos.

No III Congresso Latino-Americano de Jovens (Los Teques, Venezuela, 2010) - que correspondeu à fase de sistematização do *discernir* - volta-se com nova ênfase ao caminho do planejamento participativo. Depois de ter identificado (no 16º Encontro de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude) as tendências prioritárias da realidade juvenil e da Pastoral da Juventude, discerne-se, naquele evento, sobre os desafios prioritários, os fatos significativos que desafiam a possibilidade de exercer a ação pastoral; os paradigmas e as visões que, como Pastoral da Juventude, são referência para orientar a missão; os horizontes e os objetivos que se quer dar à vida, pessoal e comunitária, social e eclesial, na tarefa de continuar a construção da civilização do amor.

2.2 A elaboração teológico-pastoral da Pastoral da Juventude Latino-Americana

O percurso histórico da Pastoral da Juventude (de 1983 até os nossos dias), através de seus Encontros Latino-Americanos de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude, seus

¹⁷ Foi nessa época que começaram os Encontros Latino-Americanos de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude. Estes Encontros são, em grande parte, os responsáveis pela elaboração conjunta da Pastoral da Juventude na América Latina.

Congressos e suas publicações, tem sido um percurso de elaboração teológica do que seja Evangelização da Juventude e planejamento participativo.

2.2.1 A construção da Civilização do Amor

A *Civilização do Amor* é a meta da Pastoral da Juventude Latino-Americana desde seus inícios. É um convite a viver os valores do Evangelho em todos os âmbitos do corpo social; não é uma ideologia, mas uma visão evangélica de mundo. Como diz a primeira elaboração de *Civilização do Amor* (1983), *trata-se de uma interioridade dos povos, na sua raiz mais profunda, nos estratos de suas culturas. Numa palavra: sobre os homens novos construir-se-ão sociedades novas que garantam a justiça, liberdade, a fraternidade, a solidariedade.*

A *Civilização do Amor* é um compromisso positivo da juventude; é optar por um “sim” à comunhão; um “sim” à participação; um “sim” à verdade; “sim” à justiça; “sim” à liberdade; “sim” à paz; “sim” ao amor. Nela fazem-se opções onde prevalecem a vida, a pessoa sobre o poder, a ética sobre a técnica, o trabalho sobre o capital, o primado de Deus, encarnado e transcendente, e de seu amor libertador em nossa história.

2.2.2 Uma proposta orgânica

O nascimento e o processo da Pastoral da Juventude Latino-Americana aconteceram com uma finalidade definida: fazer dela (da Pastoral da Juventude) uma proposta orgânica de evangelização da juventude. Com esta referência, foi-se construindo a proposta da Civilização do Amor. Nesta perspectiva se realizaram, o 3º (1985) e o 4º (1986) *Encuentros Latinoamericanos de Responsables Nacionales de Pastoral de Juventud* onde se trabalharam os elementos para um Diretório da Pastoral da Juventude Orgânica.

2.2.3 Eixos temáticos de reflexão

Projetada uma primeira proposta de pastoral orgânica, orientada para fazer da juventude uma força social de construção da Civilização do Amor, a Pastoral da Juventude se lança a aprofundar temas que, de acordo com o caminhar, são percebidos como mais urgentes. Destacam-se sete:

a) *Os processos de educação na fé*

Na reflexão sobre os processos de educação na fé podemos destacar a opção pedagógica da Pastoral da Juventude e as dimensões e etapas de formação por ela assumidas. Uma pedagogia de pastoral evangelizadora parte das aspirações, necessidades e realidades dos/as jovens;

- Propõe, como atitudes fundamentais, ouvir, acompanhar despertar possibilidades, estimular e animar. Tem a característica de ser experiencial, porque parte da vida e a reelabora a partir do Evangelho;
- Deve ser transformadora e libertadora porque, a partir da Palavra de Deus, provoca uma mudança pessoal e social que leva a compromissos de ação bem definidos; ser comunitária, porque a fé é e só pode ser vivida e celebrada como um acontecimento comunitário;
- Deve ser testemunhal porque exige coerência entre o que é anunciado e o que se vive;

- Precisa ser participativa porque promove o protagonismo do jovem em seu processo pessoal de crescimento;
- Deve ser personalizante e personalizadora, porque assume o jovem e procura seu crescimento, como pessoa e como cristão;
- Precisa ser integral porque engloba todas as dimensões da experiência humana.

Estas relações (relação consigo mesmo, relação com o grupo, relação com a sociedade, relação com a Igreja, relação com o Deus libertador) correspondem às cinco dimensões da pessoa e não acontecem de forma isolada ou separadas entre si, mas vão juntas, de forma diferente, nas diversas etapas do processo grupal. Estão presentes nas três etapas nas quais se desenvolve o processo de amadurecimento humano e cristão dos/as jovens: a nucleação, a iniciação e a militância. As etapas respondem a um processo; assim como cada pessoa é única, cada jovem, nas distintas etapas, tem seu processo de crescimento. Não se dá de modo igual em todos; por isso que se deve respeitar o processo de cada jovem.

b) Projeto de Vida: Caminho Vocacional da Pastoral da Juventude

Os processos de educação na fé dão à Pastoral da Juventude identidade pastoral e pedagógica¹⁸. É uma proposta realizante. É mais do que um caminho, entre muitos: é a proposta da Igreja para a formação na fé dos jovens. Além de cuidar da formação integral e da mística do jovem, orienta para a felicidade os jovens na realização de seu projeto de vida; cultiva a dimensão profética, sacerdotal e régia dos/as jovens; leva-os/as à felicidade que todos/as sonham e desejam construir, tanto em sua dimensão pessoal e social como transcendental.

Sem dúvida, uma das obras-chave da reflexão da Pastoral da Juventude Latino-Americana é *Proyecto de vida: Camino vocacional de la Pastoral Juvenil Latinoamericana*. Mais do que sistematizar as conclusões XIII e XIV Encontros Latino-Americanos de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude, é um material de estudo e aprofundamento que ajuda a aprofundar a compreensão dos processos de educação na fé a partir de uma chave fundamental: a sua dimensão vocacional. Um elemento essencial de todo o processo de educação na fé é ajudar o/a jovem a encontrar sua vocação e discernir e desenvolver seu projeto de vida.

A Pastoral da Juventude procura acompanhar os/as jovens no seu crescimento pessoal e grupal de crescimento, na descoberta de sua vocação, no discernimento e realização de seu projeto de vida e na concretização de seu compromisso com a militância. Essencialmente, pois, tem uma finalidade vocacional.

c) Realidade, Cultura, Discipulado, Missão

A Pastoral da Juventude, desde o início de seu serviço à evangelização da juventude, tinha claro que não era possível realizar este mandato evangélico sem a aproximação ao conhecimento da realidade e da cultura juvenil¹⁹. Por isso, de acordo com os tempos históricos, a Pastoral da Juventude Latino-Americana foi visualizando as tendências, os

¹⁸ Este assunto voltou à mesa dos debates no 13º (2001) e 14º (2003) Encontros Latino-Americanos de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude.

¹⁹ Somos levados ao 8º Encontro de Responsáveis (1990), ao 9º (1996) e ao 12º Encontro Latino-Americano de Responsáveis, no México, em 1997.

elementos comuns das mudanças da realidade e da cultura, propondo os critérios de interpretação destas tendências.

Entre estes critérios, destacam-se a evangelização e o diálogo com a cultura, ou seja, a necessidade de assumir o contexto histórico do ponto de vista da fé, despertando o amor da cultura própria para reconhecer os valores e anti-valores desta. Diz-se, igualmente, que é preciso convocar, permanentemente, os/as jovens, a viverem na Igreja, uma experiência comunitária para que, a partir das comunidades de jovens, se comprometam a se tornarem evangelizadores no mundo dos/as jovens. Afirma-se, também, a opção pelos jovens e pelos pobres, para que a fé possa ser eficaz e possa produzir sinais concretos do Reino na história, relacionando fé e vida, fé e cultura, fé e estrutura social, insistindo na organização participativa numa experiência de comunhão, promovendo espaços criativos.

d) Assessoria e Acompanhamento

Enfatiza-se que, a partir do caráter ministerial, o Assessor da Pastoral da Juventude é uma pessoa chamada por Deus para exercer um ministério de serviço para a juventude; um ministério que é assumido como uma opção pessoal, que seja enviado pela Igreja e que tenha a aceitação dos jovens²⁰. O Assessor, para exercer este ministério, exige identidade:

- *teológico-pastoral*, segundo a qual executa o triplice ministério profético, sacerdotal e régio;
- *espiritual*, sendo uma pessoa de fé, que se manifesta na vivência de uma espiritualidade;
- *psicológica* sendo uma pessoa que passou por um processo de amadurecimento tal que o faz capaz de olhar o caminho dos jovens em outra perspectiva;
- *pedagógica*, sendo um educador que age de acordo com a pedagogia do próprio Deus e que tem como modelo a Jesus Cristo;
- *social*, sendo uma pessoa encarnada na realidade social e com um profundo sentimento de pertença a ela.

e) Espiritualidade e Missão da Pastoral da Juventude

A Pastoral da Juventude Latino-Americana compreende a espiritualidade como "uma experiência de Deus, revelado em Jesus Cristo, que é obra do Espírito Santo, transforma a pessoa e desencadeia um novo processo em sua vida"²¹. Diz, igualmente, o documento resultante deste encontro, que a *espiritualidade proposta pela Pastoral da Juventude é uma espiritualidade encarnada que acentua que é histórica, incorporada no tecido dos acontecimentos da vida pessoal (emoções, sexualidade, vocação, etc.) e social (família, trabalho, amizade, cultura, política, economia, etc.); além disso é uma espiritualidade inculturada, que assume as formas e os conteúdos das relações criadas pelo povo; uma*

²⁰ Este tema foi desenvolvido no IX *Encuentro de Responsables Nacionales de Pastoral Juvenil*, que se realizou de 27 de fevereiro a 6 de março de 1993, em Zipaquirá, Colombia, com a participação de 77 delegados de 20 países.

²¹ O X Encontro Latino-Americano de Responsáveis da Pastoral da Juventude, realizou-se de 8 a 15 de outubro de 1994, em Mogi das Cruzes, Brasil, com a participação de 75 delegados de 18 países. Trabalhou-se "Espiritualidade e Missão da Pastoral Juvenil". Neste Encontro se aprovou, também, a reedição do livro *Civilização do Amor: Tarefa e Esperança*.

espiritualidade comprometida, o que dá um novo significado para os eventos e para a cultura a partir da perspectiva da opção pelos pobres.

f) Meios Específicos

Conscientes da necessidade de uma Pastoral da Juventude que chegue a todos os ambientes juvenis, ela se especifica e se diversifica, fazendo surgir a Pastoral da Juventude Geral e a Pastoral da Juventude Específica. A primeira designa um acompanhamento pedagógico voltado, principalmente, para os/as jovens de grupos religiosos, movimentos apostólicos e as comunidades eclesiais de base. A segunda refere-se ao acompanhamento que se dá aos jovens que atuam fora do meio eclesial: na universidade, no ensino secundário, no mundo do trabalho, no campo, nos bairros populares, com os indígenas, os afrodescendentes e com os/as jovens em situações críticas.

Numa visão geral, podem ser destacadas as seguintes linhas de ação da Pastoral da Juventude dos Meios Específicos:

- a) Promover a articulação com as Pastorais e Movimentos em nível diocesano, nacional e latino-americano, num marco de respeito e comunhão para conseguir um maior enriquecimento de experiências e ser sinal de unidade com a Igreja jovem;
- b) Promover, com os/as jovens, a vivência da espiritualidade a partir de suas próprias realidades, refletindo os fatos da vida, iluminados pelo Evangelho, para cumprir sua missão e profetismo no mundo;
- c) Desenvolver planos de formação integral para jovens, jovens, animadores/as e assessores a partir de uma perspectiva crítica de sua realidade e cultura, a fim de unir fé e vida em projetos pessoais e comunitários, que os leve a um compromisso libertador na construção de formas dignas de vida.

g) Pastoral de Adolescentes

Dentro da proposta de uma Pastoral da Juventude diferenciada, cientes do que implica uma pastoral orgânica, ante o fenômeno de que muitos adolescentes se sentem jovens e muitos jovens terem atitudes de adolescentes, também se elaborou uma proposta orgânica para a Pastoral de Adolescentes.

Os Encontros Latino-Americanos de Adolescentes, realizados até agora, são quatro: o primeiro, em Bogotá, Colômbia, em março de 1996; o segundo, em Cochabamba, Bolívia, em 1999; o terceiro, em Quito, Equador, em setembro-outubro de 2002; e o quarto, em San Jose, Costa Rica, em novembro de 2005.

O desafio desse serviço pastoral localiza-se no contexto antropológico e cultural cada vez mais complexo, obrigando-nos a recriar o que fazemos, com novas análises e novas perspectivas pedagógicas. Não é suficiente ter clareza na missão da pastoral; é essencial saber como se pode cumprir esta tarefa, especialmente quando surgem novos desafios, novos paradigmas e novas sensibilidades, na ordem humana, social e espiritual.

2.3 Congressos Latino-Americanos de Jovens

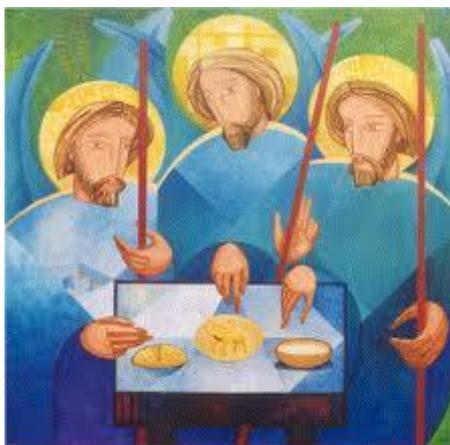
Os Congressos Latino-Americanos de Jovens não só abriram o caminho para a grande pauta do discernimento teológico-pastoral, mas têm sido, igualmente, uma escola de planejamento participativo. Até o momento, desde 1983, houve três Congressos Latino-Americanos de Jovens:

O primeiro se realizou de 28 de dezembro de 1991 a 05 de janeiro de 1992, em Cochabamba, na Bolívia. Ele teve como tema: ***Juventude para Cristo, construímos uma nova América Latina***, cujo objetivo geral foi incrementar um maior compromisso e testemunho da juventude latino-americana na construção de uma nova civilização no Continente.

O segundo foi vivido de 03 a de 11 de outubro de 1998, em Punta de Tralca - Chile, com o lema: ***"Jovens de Cristo, transformando a América Latina com justiça e esperança."*** O objetivo geral foi formular novas linhas de ação e compromisso da Pastoral da Juventude do Continente tendo em vista o Terceiro Milênio, a partir da avaliação do caminho percorrido, das mudanças culturais e da situação de pobreza, a fim de contribuir para a construção da Civilização do Amor.

O terceiro foi realizado de 05 a 11 de setembro de 2010, em Los Teques - Venezuela. O tema foi ***Juventude da América Latina, discípulos missionários de Jesus Cristo hoje para a vida do nosso povo*** e o lema foi *Caminemos com Jesus para dar vida aos nossos povos*. O objetivo geral foi atualizar as orientações da Pastoral da Juventude Latino-Americana que incentivassem o encontro dos jovens com Jesus Cristo e a construção de seu projeto de vida, assumindo o discipulado missionário, para a transformação de nossos povos.

III. O HORIZONTE DE NOSSO CAMINHAR



Marco Doutrinal

*Escrevemos para vocês,
a fim de que a nossa alegria seja completa (1 Jo. 1,4)*

A palavra "Horizonte" tem um sentido rico e profundo, especialmente quando é uma forma de marcar o nosso destino em e para Deus. É um sentido tão amplo, que penetra no mistério. Como realidade fundante, o Horizonte é dinâmico, envolvente e, ao mesmo tempo, transcendente; é Vida que não se resume em racionalidade; também é poesia, é afetividade, é imaginação. Queremos caminhar na perspectiva do Horizonte divino que está perto, está longe e está dentro de nós. Sendo Vida e proposta, requer uma resposta. Em nossa resposta, o Horizonte nos acompanha, nos convida e nos lança desafios.

A juventude quer e sonha com um Deus que esteja próximo; mais ainda, com um Deus que habita em sua realidade interior e brota do seu próprio interior. Falando dessa maneira, não significa negar o Deus transcendente que se revelou sob muitos aspectos, especialmente em Jesus de Nazaré; é acentuar a presença próxima de Deus-Vida. Santo Agostinho dizia que Deus era o mais íntimo dele; *estavas dentro de mim e eu estava fora. Estavas comigo e eu não estava contigo*²².

3.1. Deus, Horizonte do Jovem²³

Deus é a realidade intimamente mais interior de todo o ser, também da realidade juvenil. Ele está acima e dentro de todas as realidades, também da juventude, assim como afirma o Concílio Vaticano II que fala das *sementes ocultas do Verbo* (Ad Gentes, 1) em todas as coisas criadas.

²² Santo Agostinho, *Confissões*, Livro x.

²³ Nº 306 a 319.

3.1.1 O Horizonte da vida é Vida

Deus, o Horizonte da vida é a Vida. Como diz a Escritura, Ele é "o Deus da Vida". A criação é uma expressão da Vida, que é Amor (1 Jo 4, 16). Deus não só quer e ama o/a jovem; também se manifesta nele/a. A Escritura nos diz que, quando Jacó fugiu de seu irmão Esaú, Deus lhe apareceu e lhe disse: "Eu estou com você. Vou protegê-lo aonde quer que vá. Eu não vou abandoná-lo" (Gn 28, 10-17).

Por isso que o impulso para construir a Civilização do Amor envolve a beleza, o profetismo e a dramaticidade de "campanhas", protagonizadas por jovens, expressando-se contra milhares de tipos de violência, manipulações, marginalizações, extermínios, genocídios e contra os danos causados contra o meio ambiente. Tudo isso brota da presença do divino na juventude.

3.1.2 A Vida no rosto dos sofredores

A presença de Deus, como Horizonte da vida em plenitude, palpita, preferencialmente, na vida dos mais desfavorecidos e nos rostos sofridos de nossos povos. Por eles, o Horizonte tem um amor preferencial (Mc 1, 29-32). É fundamental ter sempre presente o que nos recorda o Papa Bento XVI, dizendo que "a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica, isto é, naquele Deus que se fez pobre por causa de nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza"²⁴.

3.1.3 Em Deus, Horizonte da Juventude, todos somos protagonistas

Deus sonha que vivamos com criatividade, personalidade e autonomia o protagonismo de nossa história. Através de Jesus Cristo nunca deixa de dizer-nos, a cada um de nós, "levanta-te e anda" (Mc 5, 41), convidando-nos a cultivar a imagem de Cristo em nós. Nas Escrituras é evidente o convite de Deus para os jovens a contribuírem para o plano de salvação; não faltam, por isso, manifestações divinas, revelando o convite para o protagonismo dos jovens. Basta recordar as figuras de Isaac, de Moisés, de Davi, as figuras de mulheres valentes como Ruth e Esther, Judite e tantas outras. Não descobrimos, ainda, a juvenilidade da Bíblia, no seu todo.

Podemos dizer que ser jovem é viver a epopeia do êxodo; a saída do mundo da dependência para a liberdade; da superação de todas as opressões para a vida em liberdade para a qual Deus nos criou (Gl 5:1). Através das juventudes, o Deus da Vida afirma que a vida deveria ser uma festa de fraternidade. A presença de Deus, no discípulo, leva ao protagonismo; Ele não nos quer estáticos; quer-nos construtoras e construtores da Vida.

3.1.4 Deus, origem e meta, caminha conosco

Outro aspecto do coração divino é que Ele, o Horizonte, é um acompanhante. Lê-se em 2 Samuel que Davi considerava um absurdo morar num palácio e que a Arca da Aliança estivesse numa tenda. Deus mandou o seguinte recado a Davi: "Você quer construir-me uma casa para habitar? Pois bem: eu não vivi em nenhuma casa desde o dia em que tirei os filhos de Israel do Egito" (...). Afirma, ainda, que não necessitava de uma casa porque "eu estive com vocês em todas as partes por onde vocês andavam" (2 Sam 7, 1-10).

²⁴ Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Aparecida, no dia 13 de maio de 2007.

3.2 Deus Filho, Caminho para o Horizonte²⁵

Deus se faz história, encarna-se na Virgem Maria e se faz homem em Jesus de Nazaré, "rosto humano de Deus e rosto divino do homem". Tendo-se manifestado de muitas formas, como dizem os Evangelhos, Deus enviou seu próprio Filho para que nos revelasse plenamente o Pai, para nos fazer entender que há um Horizonte real para as juventudes e que Ele é o Caminho. Deus se fez homem e Caminho na pessoa de Jesus.

O jovem, em sua caminhada rumo ao Horizonte, não busca somente alcançar a meta, mas anseia encontrar a Verdade, que é a "exigência mais profunda do espírito humano"; também procura a si mesmo, e este Alguém que o atrai. Em Cristo-Verdade descobre sua verdadeira identidade, origem e destino. Além disso, compreende a Deus Pai, que é Amor. É esta busca de si mesmo e desse Alguém que orienta o caminhar da juventude. Este Alguém adquire um rosto: o de Jesus Cristo, que é a Verdade.

Às vezes nos perguntamos como teria sido o jovem Jesus, e não nos damos conta que Ele, no meio de nós, foi jovem toda a sua vida, tanto em Nazaré como na vida pública; morreu jovem, depois de ter dito que dava a vida, porque Ele queria (Jo 10,17).

3.2.1 O Horizonte de todo ser humano, feito Reino em Jesus Cristo

Na pessoa de Jesus, o Horizonte está vestido de Deus; nEle está Deus. Desde o início de sua missão no mundo, Jesus proclama que "o Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres; a libertação aos cativos; para dar a vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4, 18-20). Ele não só anuncia a aproximação iminente do Reino de Deus, mas Ele é o Reino presente entre os homens.

Este Reino não é apenas uma doutrina que se ensina nem uma moral que se impõe, nem uma ideologia que se transmite; é uma atitude, uma prática, uma vida, uma pessoa que tem um rosto: Jesus de Nazaré. É o Horizonte de todo ser humano que, sem deixar de ser Deus, se torna Caminho, uma maneira própria de ser e agir no mundo. Jesus de Nazaré se entregou de todo ao projeto do Reino de Deus. Para Ele, nada era demais, por isso dá sua vida completamente, dando-se, inclusive, como alimento na Eucaristia.

3.2.2 Os rostos sofridos no Reino

O projeto do Reino é universal, mas seus destinatários privilegiados são os que mais sofrem com as consequências do anti-reino: os pobres. Jesus é próximo deles; identifica-se com eles, convivendo com aqueles que não tinham lugar dentro do sistema social, econômico, político e religioso da época. Viver no clima do Reino e ser amigo de Jesus não combina com explorações e opressões de qualquer tipo, nem combina com um coração fechado para os preferidos de Deus.

²⁵ Nº 320 a 356.

3.2.3 O Caminho se vive na Comunidade

Jesus, Caminho, Verdade e Vida é alegria, autenticidade e felicidade. Uma felicidade que Ele explicitou nas bem-aventuranças (Mateus 5:1-12); que exige que sejam vividas na comunidade dos seus discípulos. Ora, estas vão se gestando na própria vivência comunitária. Por isso reuniu, em torno de si, um grupo de pessoas simples que eram conhecidas como os "discípulos de Jesus" (Mt 9,19; 13,10). É que a experiência do Reino exige vida em comunidade. Não é em vão que os jovens, reunidos em comunidade, afirmam que este (o grupo, a comunidade) é um espaço vital da felicidade deles e delas.

Os discípulos, verdadeira família de Deus (Mt 12, 46-50), tornam presente o Reino, o Horizonte procurado na comunidade. A Jesus agrada passar o tempo com seus discípulos e partilhar, com eles, momentos de sua carreira. É muito significativo o caso do Pedro, Tiago e João; o caso de Lázaro, Marta e Maria: pesca com eles, desfruta de momentos de descanso, vai às festas e não se opõe a comer e beber (Mt 11,19), transformando estes momentos num processo de amadurecimento humano da fé, através de permanentes momentos de convivência.

Perceber o Reino de Deus manifestando-se na comunidade dos discípulos, ajuda-nos a compreender o mistério da amizade, da fraternidade, da doação, dos valores humanos que nos aproximam do mistério do amor trinitário, da vida e do amor à Eucaristia.

3.2.4 O Caminho é um estilo de vida

Cristo inicia, nos discípulos, um novo estilo de vida, não mais baseado nos valores do mundo, mas nos valores do Reino. O primeiro sinal do estilo de vida de Jesus é **a liberdade**. Nele, a liberdade está para realizar seu plano de salvação, o projeto do Reino; por isso Jesus é um homem livre ante o mundo, ante tudo e ante todos e sobre todos (pessoas, instituições, coisas e ante si mesmo); é livre frente às riquezas, livre frente à autoridade, livre perante a lei civil e religiosa de seu povo.

Em segundo lugar, o estilo de vida de Jesus se manifesta na **vivência clara e decidida de sua missão**. Frente a esta missão, nada conta: nem comer nem dormir, nem a habitação nem o afastamento dos parentes que o tomam como louco. O que importava era o Reino.

Em terceiro lugar, o estilo de vida de Jesus **se mostra na amizade** que vive a todo instante e em cada momento. Lendo a vida de Jesus, veremos, em várias ocasiões, que Jesus vive e faz amigos no caminho. Um dos casos mais bonitos é a amizade com Marta, Maria e Lázaro, nas terras de Betânia.

Em quarto lugar, o estilo de vida de Jesus se mostra **pelo profundo amor, entranhável, misericordioso e compassivo, que tem com o ser humano**. A pessoa humana está dentro dEle e, por isso, sempre está pronto para o perdão; vive carregado de compreensão e compaixão; faz-se próximo de todos e todas, especialmente dos pobres, dos fracos, oprimidos e marginalizados. Ama porque sempre espera a possibilidade de uma mudança radical. Numa sociedade onde as crianças e as mulheres não eram consideradas e não tinham possibilidades de participar da vida do povo, Jesus teve com elas um comportamento muito especial.

Em quinto lugar, o estilo de vida de Jesus revela uma **profunda fé no Pai**. Chamava a Deus de "Papai", e sua obsessão era fazer a vontade do Pai. Esta fidelidade ao Pai era uma entrega plena: *não seja como eu quero, mas como Tu queres* (Mt 26:39), como rezou no Getsêmani. Na vontade

do Pai vivia o mistério da realização plena, a verdadeira alegria, porque somos mais livres quanto mais colocamos Deus no centro de nossas vidas.

3.2.5 Sermos discípulos missionários no Caminho

Desde o princípio, Deus criou o homem para participar da Vida plena. O pecado afastou e afasta a humanidade de seu destino originário e faz que se perca o rumo. Jesus chama para retomar o caminho para a casa do Pai (Jo 14,2, 20,17). A origem da chamada está em Jesus Cristo (Marcos 1,17). Não são os discípulos que escolhem a Jesus como Mestre; é Ele quem os escolhe e os chama a serem seus discípulos.

O jovem discípulo, caminhante, indo atrás das pegadas de Jesus, é chamado a assimilar a atitude existencial do Amigo Jesus. Os amigos geram uma metamorfose nos amigos e, com eles, se produz uma transfusão de valores, de modos de ser, de estilos de vida. São Paulo chega a dizer: *Eu vivo, mas não eu; é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). Ser cristão não é aderir a uma doutrina, a ritos ou tradições religiosas: é seguir a Jesus; é estar com Ele e fazer-se discípulo.

Seguir a Jesus implica partilhar o seu destino nos momentos de alegria (Lc 10,17; 17,4 Mt, Jo 16,22); seguir a Jesus exige, também, que isso acontece nos momentos de dor e perseguição. O seguimento de Jesus passa pela cruz: *se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Lc 9,23). Basta ver o que aconteceu com o próprio Jesus no Monte das Oliveiras, na traição de Judas e na atitude covarde de Pedro.

O Evangelho de Lucas apresenta a vida de Jesus como uma grande caminhada para Jerusalém, o lugar decisivo de sua vida. Não é fácil, mas o que importa é a coerência em nosso amor à vida e, em Cristo, à humanidade. Seguir a Jesus, ser caminho no Caminho, exige que assumamos a grandeza que vive em nós e sejamos protagonistas, missionários, sujeitos da nossa história e construtores da história dos nossos povos.

Um estribilho insistente do Caminho ressoa, sem cessar, em nossa interioridade mais profunda: *Levanta-te e anda* (Lc 7, 14)! É desta forma que Ele fala a toda a juventude, na filha “doente” do chefe da sinagoga, Jairo (Mc 5, 21-43) e no filho da viúva de Naim. Ele segue repetindo este estribilho à juventude de todos os tempos e lugares.

3.3. Deus Espírito Santo, força animadora do caminhar²⁶

Assumindo a juventude como uma realidade teológica - uma dimensão ainda a ser descoberta – e, levando em conta os fundamentos teológicos fundamentais e doutrinários da Pastoral da Juventude, podemos dizer que, de um modo muito especial, o Deus da juventude é o Espírito Santo, força animadora do caminhar. Esta força é comunicada por Jesus Cristo.

3.3.1 O Espírito nos jovens

O Espírito de Vida se manifesta em toda a juventude: no/a jovem indígena e afro americano, no/a jovem rural e urbano/a, no mineiro e no pescador, no/a estudante e no/a operário/a, no migrante e

²⁶ Nº 357 a 363

no aprisionado, no desportista e nos doentes. Isso acontece quando ela vai construindo, com os seus, a família como comunidade discípulos missionários, escola formadora de valores; quando eles (os/as jovens) fazem, do seu grupo, uma comunidade fraterna e solidária; quando orientam sua busca da felicidade para Deus Pai que habita neles/as; quando, impulsionados/as pela sensibilidade social e política, lutam pela verdade, liberdade e justiça; quando fazem do bem comum um imperativo de vida; quando são construtores/as da Civilização do Amor através da solidariedade e da caridade; quando, através de suas expressões culturais, musicais e artísticas, constroem sua identidade, condenam toda a violência e exploração, defendem os direitos humanos e se comprometem com o cuidado da casa de todos; quando, através da tecnologia de comunicação, proclamam uma sociedade mais justa, baseada nos princípios humanitários e evangélicos; em tudo isso, em todas as formas de ser do jovem latino-americano, se manifesta o Espírito.

3.3.2 Os jovens e alguns dos seus dons

Mas há outras qualidades juvenis que são fruto do Espírito, e se encarnam, de modo muito especial, nos/as jovens. Vejamos alguns:

- a) A **audácia** - não só com os seus riscos – faz que os/as jovens sejam capazes de assumir postos de trabalho superando o medo, a tentação da apatia, sempre abertos à novidade;
- b) O **dinamismo**. O Espírito mantém as juventudes inquietas e cheias de energia para participarem, em tudo que puderem, a fim de trabalhar, com suas ideias e sua capacidade de levá-las a cabo, tratando de ser o sacramento da novidade;
- c) A **espontaneidade**. Esta permite aos jovens expressar-se, com sua maneira própria, superando visões estruturadas e formalistas do mundo que os/as rodeia e celebrar sua fé com simplicidade e entusiasmo;
- d) A **amizade**. Ela faz os jovens quererem amar e serem amados por pessoas e como pessoas, saboreando atividades comunitárias, desfrutando da gratuidade dos momentos para reunir-se e partilhar e ser a manifestação da vida como uma festa;
- e) O **espírito de luta**. Este espírito ajuda os jovens a realizarem as aspirações de seu povo, para realizar a defesa da vida e dos direitos humanos, não desanimando ou cruzando os braços ante a pobreza e a injustiça;
- f) A **solidariedade**. É um sentimento que impulsiona os/as jovens para fazerem seu o espírito do Bom Samaritano, sofrendo com as dores do mundo e não se cansando de levantar os caídos no caminho e dar esperança aos desesperados;
- g) O **amor**. É um dos sentimentos mais presentes na juventude, tentando doar-se, das formas mais surpreendentes, totalmente para o outro.

3.4 A Igreja, Comunidade dos discípulos/as, missionários/as caminhantes²⁷

Deus sempre amou e ama o ser humano, fazendo-o participar de sua existência para que tenha Vida plena; criando-o como imagem e semelhança; constituindo-o um ser social e comunitário.

²⁷ Nº 364 a 400.

3.4.1 Igreja, comunidade peregrinante

Esta comunidade de discípulos missionários é peregrina, seguindo os passos de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, caminhando para o Horizonte, isto é, para Deus Pai, guiado e conduzido pela força do Espírito Santo, fazendo real o "já" e o "ainda não" do Reino. A Igreja e, nela, a Igreja jovem, é uma comunidade de pessoas peregrinas que, como mistério de comunhão, vive em convivência com a natureza, em fraternidade com a humanidade e em filiação com Deus.

3.4.2 Igreja, comunidade de discípulos de Jesus Cristo

A Igreja se orienta para o Pai não só como comunidade peregrina, mas, numa dimensão mais íntima, como uma comunidade de discípulos (Atos 6,1-2.7), cuja missão é constituir uma comunidade de irmãos e fazer, da humanidade, a grande família de Deus. Ao longo do caminho, estas pessoas ora são companheiros, ora tornam-se amigos; de amigos, tornam-se irmãos.

Além disso, como uma comunidade de pessoas peregrinas, todos os membros que constituem a Igreja estão unidos por um valor supremo: o Amor; constituem uma comunidade de fé, esperança e caridade, estabelecendo relações interpessoais, indispensáveis para toda a pessoa humana. Na comunidade, a amizade torna-se fraternidade e a fraternidade se faz doação; vai-se mais além da unidade, envolvendo interesses comunitários, além dos laços de sangue: é a participação do mesmo Espírito, a do Cristo Ressuscitado, que dá lugar e fundamenta a unidade dos membros.

A Igreja, sendo comunidade, vai ao encontro de uma necessidade radical das juventudes: a vivência comunitária. Uma das conclusões de raiz da juventude é que ela é feita para conviver. O discurso de uma Igreja-Comunidade se reflete nos/as jovens, porque eles/as vão aprendendo que a felicidade não se vive sozinho, mas em comunidade; a vivência da amizade e da fraternidade, em muitos espaços de convivência, se tornam comunidades. A Igreja, comunidade de discípulos, centra-se no movimento de Jesus, na Pessoa de Jesus. A comunidade peregrinante encontra sua dinâmica de caminho na orientação de vida para Alguém que está no Horizonte da comunidade.

3.4.3 A Igreja, comunidade de discípulos missionários no Espírito Santo

A comunidade de discípulos é, constitutivamente, uma comunidade missionária porque, "no povo de Deus, a comunhão e a missão estão profundamente interligadas" (...) "A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão" (DA, 163); ambas as dimensões respondem à unidade constitutiva do cristão. Um discipulado que não se faz missão, ou uma missão que não se testemunha com o discipulado, carece de valor e significado.

A pedagogia para transmitir a mensagem não é, propriamente, através de um discurso humano, mas, sobretudo, através do testemunho de vida. É através da experiência da proximidade de Jesus Cristo na comunidade e da conversão contínua que o discípulo comunica a riqueza da fé, a alegria da esperança e a força do amor. Quem se deixa guiar pelo Espírito, entende que pôr-se a serviço do Evangelho não é uma opção facultativa; recorda que, transmitir aos outros esta Boa Nova, é uma urgência. No entanto, é necessário recordar, também, mais uma vez, que só podemos ser testemunhas de Cristo se nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo, que é "o agente principal da evangelização" (Cf. *Evangelii Nuntiandi*, 75) e "o protagonista da missão".

3.4.4 Igreja de Comunhão e Participação

A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão, em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Ante a tentação, muito presente na cultura atual de ser cristão, sem Igreja, e as novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos veio através da comunidade eclesial e ela nos dá uma família: a família universal de Deus, na Igreja Católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão.

No exercício da unidade desejada por Jesus, os homens e as mulheres do nosso tempo sentem-se convocados/as a percorrerem a formosa aventura de fé. *Que eles possam viver junto conosco, para que o mundo creia* (Jo 17, 21). A Igreja não cresce por proselitismo, mas "por atração". Como Cristo *atrai todos a si com a força de seu amor*, a Igreja "atrai" quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos quando se amarem uns aos outros como Ele nos amou (cf. Rm 12, 4-13, Jo 13, 34).

3.4.5 Juventude é parte da Igreja e participa como Igreja

Ser partícipe da Igreja não depende do desejo "generoso" dos demais membros; é um dever e direito próprio da juventude, em virtude do batismo. O jovem batizado forma parte essencial da Igreja. Desta consciência surge, nos/as jovens, o desejo de viver sua vocação eclesial, apesar dos defeitos, dificuldades e resistências que se apresentam nela.

Os jovens "nunca estão sós. A Igreja confia neles, acompanha-os, incentiva-os e deseja oferecer-lhes o que tem mais valor: a possibilidade de levantar os olhos para Deus, encontrar Jesus Cristo, que é a justiça e a paz. No próprio ser do/a jovem encontramos a razão para a sua importância. Com efeito, a contemplação dos jovens nos revela, neles, um ícone da Trindade, no qual podemos descobrir uma teologia da criação, enquanto em cada jovem é obra do Pai; uma teologia da alteridade, porque em cada jovem se revela Cristo como o Outro, que plenifica a existência juvenil; uma teologia dos valores, porque no Espírito Santo, guia do/a jovem, vamos descobrir e viver os valores humanos e cristãos, dando significado e sentido para a sua vida.

Podemos dizer que a esperança está no jovem, não como algo que está num recipiente, como a água que está no copo, mas sim como uma força que o incentiva, o dinamiza e o torna capaz de motivar, tanto a humanidade como a Igreja. Eles/as (os/as jovens) são uma corrente de vida. As estruturas eclesiais devem aceitar as críticas da juventude; urge a opção afetiva e efetiva pela juventude, um acompanhamento, apoio e diálogo mútuo entre jovens, pastores e comunidade (Puebla, 1184).

No contexto das funções sacerdotal, profética e real, que foram transmitidas ao povo de Deus, também à juventude, pelo batismo, se explicita a razão para a importância da juventude na Igreja a partir de seu fazer. Em sua missão sacerdotal, a juventude, oferece-se a si mesma e suas atividades no Pai e no Filho; consagra e santifica, pelo Espírito Santo, o mundo juvenil e a humanidade em geral. Em sua missão profética, a juventude, por meio de sua palavra, do testemunho e da vivência cristã, evangeliza e torna presente o Reino de Deus. Em sua missão real, a juventude constrói, em sua pessoa, a pessoa de Cristo fazendo surgir uma nova geração, gerando um dinamismo transformador da humanidade, capaz de construir a "Civilização do Amor".

3.5 Parâmetros do caminho²⁸

Dentro da comunidade eclesial temos a graça de ter muitas referências que servem de guia para a Pastoral da Juventude e para as juventudes.

3.5.1. Maria, discípula – missioneira

As juventudes nos ensinam que não querem caminhar sozinhas; sabem que o andar é mais seguro, se existirem referências, que falem, incentivem a viver e repitam que viver no Reino, não é só necessário, mas possível. Entre estas referências, a primeira que experimentou o mistério de Deus na história humana e na sua história pessoal, é uma mulher: uma mulher jovem, pobre e próxima da realidade da juventude. Essa mulher, essa menina, além de ser a mãe de Jesus Cristo, é a Mãe de todos nós, na beleza e na simplicidade de sua juventude. Ela é Maria de Nazaré. Como Mãe de Jesus, o Caminho, ela tem um lugar especial na história da salvação e na história de nossas juventudes.

Deus, enquanto caminhava com o Povo, morava na Tenda do Encontro (Ex 33, 7-11); era na Tenda que Moisés se encontrava com Ele, como amigo, e falava com Ele cara a cara. A morada do Êxodo se translada para Nazaré, e peregrina em Maria. Ela é o novo lugar do encontro com Cristo. Maria, morada de Deus. O discípulo de Jesus Cristo vive na escuta e no serviço de seu Mestre. Maria é a primeira crente que escuta e vive o Evangelho de Jesus.

3.5.2 Maria, portadora do Filho

O discípulo é sempre o portador de Felicidade, de Alegria. Maria, como discípula, "filha de Sião", é uma fonte de alegria transbordante e júbilo de libertação. Deus torna-se total e permanentemente presente no meio de seu povo, como Salvador, pela realidade da Encarnação em Maria. Assim como as dores de parto são esquecidas pela alegria do nascimento de um filho, assim é a dor experimentada pelo povo de Israel; a dor que se vive no caminhar de nossos povos, com o nascimento do Salvador no coração da pessoa. No coração da comunidade implanta-se a alegria do Reino.

3.5.3 Maria, dócil ao Espírito Santo

Maria, como discípula, é dócil ao Espírito Santo. Ela é o "templo do Espírito Santo" (LG 53). Sua missão, e a missão de cada um, só podem ser compreendidas e vividas no Espírito de Deus. É o Espírito que dá a graça de guardar e meditar todos e cada um dos acontecimentos da vida de seu Filho; pelo Espírito, Maria aprende a interpretar e guardar estes acontecimentos em seu coração (Lc 2, 19). É o Espírito que a faz transportadora do Evangelho e evangelizadora (cf. Jo 2, 5). É o Espírito que lhe dá forças para ficar ao pé da cruz (Jo 17, 25-27); é o Espírito que dá a graça de fazer de Maria a nova Jerusalém, a Mulher, a mãe, que reunirá os deportados e os dispersos de Sião no novo Templo, que é o Corpo de seu Filho, morto e ressuscitado.

²⁸ Nº 401 a 420.

3.5.4. Maria, Mãe no Camino, reflexo do amor de Deus, expressão do Amor e da Vida, impulsionada pelo Espírito

Quando soube da maravilha que lhe fora revelada, cheia de ternura e compreensão, estando grávida, deixou sua casa para ir ajudar a sua prima Isabel. As juventudes sabem que as boas notícias não são para serem guardadas, mas para serem anunciadas e proclamadas como fez Maria, cantando o *Magnificat*, um hino que parece ter nascido a partir da riqueza de todos os jovens, ao caminhar para o Horizonte. Em Caná, Maria não é apenas a mãe; começou a ser discípula de seu próprio filho, Jesus. Que grande modelo de humildade e de contemplação maternal ante o crescimento em sabedoria, estatura e graça (Lc 2,52) de seu próprio Filho!

A presença de Maria no meio da multidão de crentes e no meio dos/as jovens é uma constante, nos momentos de dor e de celebração. Daí as peregrinações para os mais variados santuários, as canções, os afetos, os entusiasmos que não se explicam a não ser como fruto de um amor particular. É a festa da presença de uma Referência; bússola que aponta para o Filho – Caminho que conduz ao Pai – estando perto daqueles que mais sofrem.

3.5.5. Santos, Mártires e testemunhas da missão

Junto com Maria, os jovens têm outras referências: pessoas que se destacaram no caminho para o Horizonte. Homens e mulheres que se destacam na doação aos demais, muitas vezes dando a vida por amor e fidelidade ao Caminho. Com todo o carinho, os/as jovens os chamam de "santos" e "santas", mártires ou não, homens e mulheres, jovens e idosos, índios, negros e brancos, marcos no caminho para o Horizonte.

Alguns são e foram reconhecidos pela Igreja universal como santos, santas e mártires; outros são aceitos, localmente, pelas comunidades. Lembrar os nomes é arriscado porque sempre se podem esquecer muitos/as. Estes homens e mulheres, estas testemunhas, essas palavras doadas, nunca deixam de convidar o/a jovem para ser discípulo missionário de Jesus Cristo. Mais que uma vez, lhes é dito:

Sejam jovens. Vivam a sua juventude; contaminem de juventude a família, a Igreja, a sociedade. Não cedam ao desencanto. Não caduquem. Sejam cristãos e cristãs, no seguimento de Jesus: Aquele de Belém, das Bem-aventuranças, do Calvário e da Ressurreição, com a característica essencial do seguimento de Jesus: a opção pelos pobres. Sejam a juventude de nossa América, assumindo os desafios e as possibilidades que vocês têm. Com espírito crítico, não separando a fé verdadeiramente evangélica da política socializadora, construindo uma nova Pátria Grande e uma nova Igreja ecumênica, solidária, plural, possível e necessária. Vivam, vivamos a militância, estimulados pelo testemunho de tantos mártires nossos e sempre vivamos o mistério da Páscoa com a utopia do Reino²⁹.

²⁹ Mensagem de D. Pedro Casaldáliga ao Congresso Latino-Americano de Jovens, em Los Teques (Venezuela), 2012.

REZANDO A VIDA E O HORIZONTE QUE QUEREMOS³⁰



A Pastoral da Juventude da América Latina e do Caribe buscou, sempre, partir da realidade e da experiência. Ela tem, também, uma grande reverência pela memória histórica, cuidando para não repetir nem as mesmas coisas boas e, muito menos, os erros que acontecem na caminhada. A Pastoral da Juventude Latino-Americana e Caribenha sabe a importância do fundamento teológico de sua pedagogia e metodologia. Antes, no entanto, de pensar na prática e na espiritualidade que desejamos, queremos afirmar, mais uma vez, que é importante olhar o Horizonte que se encontra na realidade e expressar a utopia da qual nos revestimos. Queremos, por isso, rezar a Civilização do Amor que nos arrasta para esta utopia.

- *Sejas bendito, Senhor, pela vida da juventude deste nosso Continente! Sejas bendito, Senhor, pelas meninas e meninos, rapazes e moças, que fazem de suas vidas uma entrega total ao Reino.*
- *Vivemos na carne o paradoxo entre a cultura da morte e a cultura da vida. Ajuda-nos, Pai/Mãe querido/a, a escolhermos sempre a vida (Dt 30,19). Por esta opção sabemos que “o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, o que nossas mãos apalparam, é a vida que se manifestou e nós a vimos e por isso damos testemunho” (1 Jo 1, 1-2).*
- *Ajuda-nos a sermos uma “Boa-Notícia” para a juventude deste Continente, capazes de devolvermos, a eles/as e a nós, a alegria de tornar real uma nova civilização. Graças a Ti, já são muitos os que se converteram ao projeto de libertação integral como testemunhas e profetas da Civilização do Amor, mas sonhamos com um Horizonte muito maior.*

Nosso horizonte

- *Perante tudo que vimos, Mestre da Vida, a Pastoral da Juventude Latino-Americana e Caribenha quer ser sacramento de uma proposta que aponte para a novidade; que seja, ao mesmo tempo, resposta e afirmação de novas perguntas aos projetos de vida dos jovens cujo anelo é a plenitude de suas próprias existências.*
- *Queremos aprender contigo, Mestre de Nazaré, que a Civilização do Amor não é só uma proposta ideológica, mas um conjunto de condições que permitem a vida humana ser plena e*

³⁰ Nº 421 a 452.

ter feliz destino. Que bom poder sonhar com um mundo assim, com cheiro de vida, de novidade e de juventude!

- *A Civilização do Amor é um serviço à vida e uma opção incondicional pelo amor. É o grande ideal que Tu, Pai bondoso, nos deixaste: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15,12). A Civilização do Amor surge da Tua Boa-Notícia e se inspira na Tua Palavra, na Tua vida e na Tua entrega plena. Acreditamos que este outro mundo que sonhamos, de amor pleno, é critério inspirador e entrega total; um Projeto de Vida, um compromisso que exige organização, que se veste de utopia e caminha na realidade como tarefa diária numa esperança permanente.*

Os valores da vida

Junto com Teu Filho, queremos reafirmar os valores de vida para a edificação de nosso planeta, no seu todo, acreditando e ousando reafirmar os critérios evangélicos fundamentados nas sementes ocultas em toda a juventude. Por isso:

- *Dizemos sim à vida! Sabemos que isso exige de nós senso crítico, acolhida e serviço permanente e, acima de tudo, defesa e opção pelos pobres. Não importa! Dizemos sim ao Amor como vocação humana! No amor Te reconhecemos, Pai/Mãe querido. Que este amor seja o impulso transformador em toda a dimensão deste Continente.*
- *Dizemos sim à solidariedade! É na relação com todos os/as jovens, com as pessoas em todos os seus coloridos, que podemos encarar-nos mutuamente na edificação da felicidade e na realização de todos, especialmente dos mais pobres.*
- *Dizemos sim à liberdade! Sabemos que viver livre não é um caminho fácil e que não se podem criar ilusões e nem cair em otimismo enganoso. Até sabemos que é mais fácil não querer ser livre... Em nossos processos pessoais e grupais descobrimos que somos “chamados à liberdade” (Gl 5,13), feitos para sermos livres e não escravos de nada e de ninguém. Isso pressupõe não “fazer qualquer coisa”, mas viver uma entrega total a tudo que nos faz mais humanos, humanizando quem nos rodeia.*
- *Dizemos sim à verdade e ao diálogo! Em todas as pessoas, também nas juventudes, se revela uma parte da verdade plena do Teu Filho. Isso, Pai/Mãe querido/a, fundamenta e exige uma atitude constante de diálogo. Dialogar, para nós, é caminhar, de modo decidido, junto com os/as outros/as jovens. É partilhar, descobrir, reconhecer, aceitar.*
- *Dizemos, juntos, sim à participação! Sem o protagonismo de todos/as, não se constroem as transformações necessárias na Igreja e na sociedade. Ser protagonista - nós o sabemos - mais do que nunca, é exigência universal. Dizemos, também, sim ao esforço permanente pela Paz! Ajuda-nos, Príncipe da Paz, na construção de uma ordem justa, na qual as pessoas se realizem como humanas, onde a dignidade seja respeitada, as aspirações sejam satisfeitas, o acesso à verdade reconhecido, a liberdade garantida. Dá-nos a graça de sermos sujeitos de nossa história.*
- *Dizemos sim ao respeito pelas culturas! Aprendemos com teu Filho que “Deus quer que todas as pessoas se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1.Tm. 2,4). Sim, vamos aprendendo que só a partir do respeito ao diferente será possível caminhar para uma humanidade nova. Que sejamos sempre mais maduros neste nosso desejo.*

- *Dizemos sim ao respeito à natureza! Somos convocados a viver o amor à natureza toda e reconhecer a Tua presença na criação, acolhendo-a com reverência e respeito, não como objeto de dominação.*
- *Dentre tantos outros “sim” dizemos, igualmente, sim à integração latino-americana e caribenha. Queremos um Continente que seja uma Pátria grande, sem fronteiras, sendo exemplo de fraternidade. Faze-nos viver e construir a cultura da solidariedade.*

Repúdio à cultura da morte

Sob o critério do teu Evangelho repudiamos tudo aquilo que são anti-valores e que contribuem na construção de uma cultura de morte, separando-nos dos outros/as e de Ti. Por isso levantamos nossas vozes contra a desigualdade social, a violência, o alto número de homicídio de jovens, a discriminação, a estigmatização, a drogadição e as migrações.

- ❖ *Por isso dizemos não ao individualismo! A desgraça do individualismo mata a vida comunitária pela qual a Pastoral da Juventude luta e deseja lutar para ofereça-la a todos/as os/as jovens. Que não sejamos pequenos nesta batalha. Dizemos não ao consumismo porque aprendemos da Tua Boa-Notícia que a felicidade e a vida não se encontram na eficiência, na produção e no consumo. Que saibamos vencer essa ilusão que incita a juventude a viver da aparência, da publicidade e da moda, criando vazios, necessidades supérfluas e fictícias.*
- ❖ *Dizemos não à absolutização do prazer. Esse jeito de viver mata as dimensões pessoais mais profundas, relacionais, espirituais e religiosas da nossa vivência juvenil. Sabemos que essa absolutização leva à progressiva perda do sentido de transcendência e à relativização dos valores humanos. Sonhamos com a verdadeira alegria.*
- ❖ *Dizemos não à intolerância! Não se podem impor verdades. Não se pode ameaçar com outros modos de entender a vida. Aprendemos contigo, Mestre, que o encontro e o diálogo são primordiais e tudo que fere esses princípios nós repudiamos!*
- ❖ *Dizemos não à injustiça e à opressão! De vários cantos desse Continente bonito, mas ferido, sobem gritos por justiça. Os milhões de famintos e miseráveis da América Latina e do Caribe apontam para o profundo crescimento da injustiça que se torna um flagelo devastador e humilhante, por isso repudiamos toda injustiça!*
- ❖ *Dizemos não à discriminação e à marginalização! Qualquer forma de segregação nos direitos humanos, seja social, cultural, por sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião, deve ser superada e eliminada. Ela contraria o plano divino e, também, o sonho que mora em nós.*
- ❖ *Dizemos não à corrupção! Repudiamos tudo que fomenta a insensibilidade social e o ceticismo ante a falta de justiça. Aprendemos que a corrupção é infidelidade ao povo e, também, a nós jovens, contrária aos valores do Reino que desejamos ajudar a construir.*
- ❖ *Dizemos, Mestre da Paz, não à violência! Todos os tipos de violência são um dos mais desafiadores sinais da presença da cultura de morte no meio de nós. Queremos marchar contra toda violência que faz milhares de jovens de nosso Continente tombarem na flor de sua idade. Abaixo o extermínio da juventude!*

As prioridades de nosso sonho

Diante de tudo isso, Deus de Amor, contra a mentalidade do “vale tudo”, afirmamos outro mundo possível: a Civilização do Amor, a Terra sem males, apontando para valores que suspiram por uma humanização e uma plenificação de todas as pessoas.

- *Assim, querido/a Pai/Mãe, afirmamos o primado da vida humana sobre qualquer outro valor ou interesse! Queremos uma América Latina e um Caribe que faça uma opção pela vida, que promova e respeite os direitos humanos.*
- *Apontamos para o primado da pessoa sobre todas as coisas! Sabemos que uma cultura do consumo compromete o processo pessoal e grupal das pessoas e frustra os que não têm condições de satisfazer a ânsia de um “ter” egoísta e mesquinho. Reafirmamos que a pessoa “é mais pelo que é, do que pelo que tem”.*
- *A Civilização do Amor, assim como o Evangelho, dá prioridade à ética da vida e coloca a técnica a serviço desta vida, da liberdade e de uma cultura da paz. Afirmamos, igualmente, o primado do testemunho e da experiência sobre as palavras e as doutrinas. Acreditamos na sintonia entre fé e vida, entre o que se diz e o que se faz e, acima de tudo, em uma vida coerente que gera alegria e esperança.*
- *Afirmamos o primado do serviço sobre o poder! “Autoridade”, para nós, é serviço generoso e desinteressado em prol das pessoas, povos e comunidades. Queremos, Senhor, o primado de uma economia solidária sobre a mera produção da riqueza!*
- *Acreditamos, Pai/Mãe querido/a, em diferentes experiências econômicas que têm em comum elementos de organização, cooperação, ação comunitária, autogestão...*
- *Afirmamos, também, o primado do trabalho sobre o capital. Os seres humanos não podem ser explorados através do processo produtivo; são chamados a serem verdadeiros sujeitos de seu processo.*
- *Afirmamos com decisão e humildade o primado da identidade cultural latino-americana e caribenha sobre as outras influências culturais hegemônicas. A Civilização do Amor não pode ser construída fora do chão que a gente pisa. Que nunca nos esqueçamos que nosso chão é latino-americano e caribenho: lindo, sofredor, pobre, mas cheio de vontade de realização e rico em fome de libertação.*
- *Sonhamos, também, Senhor, com o primado da fé e da transcendência sobre a tentativa de absolutizar o ser humano. Queremos uma América Latina e Caribenha que tenha presente a Ti em todas as estruturas, das maiores às menores, das que aparecem e das que são esquecidas.*

Como discípulos/as e missionários/as Teus, nós jovens, somos sempre motivados a “caminhar com Jesus para darmos vida aos nossos povos”, tendo como ponto de partida a vida da juventude e seu protagonismo, fundamentais na construção da Civilização do Amor.

Creemos, Senhor

Nós cremos, firmemente, no novo céu e na nova terra.

Creemos no Teu Filho, que inspira ternura e libertação.

Creemos no Teu Espírito, que anima a Igreja que desejamos ajudar a construir.

Creemos numa Igreja acolhedora e profética.

Creemos que Maria nos ajudará a levantar “do pó os humildes” como ela mesma diz.

Creemos firmemente que a juventude pode ser uma força dinamizadora no Continente, ante a diversidade de culturas.

Acreditamos que ela é chamada a defender sua autenticidade e identidade, lutando contra os sinais de morte que afetam nossos povos.

E pedimos, juntos e insistentemente, que a Civilização do Amor, real em seus sinais visíveis e invisíveis, seja realidade plena entre nós.

Amém!

IV. CONSTRUINDO O CAMINHO PARA O HORIZONTE³¹



Amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus. Todo aquele que ama a Deus, nasceu de Deus e conhece a Deus (1 Jo 4,7)

Construir um caminho novo implica, para a Pastoral da Juventude Latino-Americana, reconhecer que já foram feitas muitos outros caminhos no processo vivido por muitas pessoas. Não se trata de começar de novo... Caminho refletido sempre tem novidade. Também o caminhar com a juventude supõe algo já vivido, partindo da história dela e de suas condições de vida. Estaremos seguindo o exemplo de Jesus que proclamava o Reino de Deus, a partir de sua aprendizagem da vontade do Pai e desde seu caminhar com as pessoas das quais se aproximava. A Pastoral da Juventude assume o profetismo de viver o amor-serviço para a vida da juventude do Continente, tomando água na Palavra de Deus e na experiência dos/as jovens.

O ponto de chegada da Pastoral da Juventude Latino-Americana, em toda a sua caminhada, é a proposta da Civilização do Amor, proposta emblemática lançada pelo Papa Paulo VI. A Civilização do Amor se identifica, na linguagem da Pastoral da Juventude Latino-Americana, com a construção do Reino de Deus. Este Reino se difunde e se constrói através da evangelização em três dimensões: a kerigmática, a diakônica e a litúrgica, sempre complementares entre si. O imperativo da busca e da construção do Reino, para a Pastoral da Juventude, é formar jovens que amem a Deus acima de tudo, amem os homens e as mulheres e a si mesmos, e sejam capazes de elaborar projetos de vida que tenham repercussão na vida pessoal, familiar, comunitária, social e o eclesial.

Considerando a revitalização, a partir do III Congresso Latino-Americano de Jovens (Los Teques, Venezuela 2010), a construção da Civilização do Amor, através da Pastoral da Juventude, passa pela consideração de alguns **horizontes e de alguns princípios norteadores da ação evangelizadora**, que não podem ser esquecidos:

³¹ Nº 453 a 461.

- a) Impulsionar uma Pastoral da Juventude orgânica, atraente e atenta aos sinais dos tempos, que promova o encontro com o Cristo vivo, a formação integral e o acompanhamento, para que o/a jovem seja verdadeiro/a discípulo/a missionário/a, comprometido/a com a transformação da realidade.
- b) Impulsionar, a partir dos processos descritos, uma Pastoral da Juventude, que acompanhe o/a jovem na construção de seu projeto de vida, baseado nos princípios evangélicos, na formação de valores humanos e na Doutrina Social da Igreja, que permitam ao jovem ser crítico ante a realidade social, para transformá-la.
- c) Incentivar uma Pastoral da Juventude que acompanhe os/as jovens, através dos processos da formação integral, promovendo o senso crítico e o cultivo de valores na construção da Civilização do Amor.
- d) Fomentar uma Pastoral da Juventude Revitalizadora, que responda às realidades dos jovens em suas diferentes etapas de desenvolvimento, a fim de que vivam uma experiência de encontro com Cristo e assumam um compromisso social e eclesial.
- e) Edificar uma Pastoral da Juventude que priorize o protagonismo do/a jovem, acolhendo-o e reconhecendo-o como um lugar teológico, de modo que possa contribuir para a promoção de uma cultura de paz, na transformação das realidades e da defesa da vida humana e do planeta.

Os participantes do III Congresso de Jovens (Los Teques, 2010), indicaram, também, **os horizontes** e **os sonhos**, pontos de referência de atuação da Pastoral da Juventude junto à juventude. Trata-se de fazer um caminho marcado por três sonhos:

- a) uma sociedade democrática, justa e de paz, que defenda o direito a uma vida digna, onde sejamos reconhecidos e valorizados, encontrando sentido pleno à vida e sejamos protagonistas do processo transformador da realidade.
- b) uma Igreja, Povo de Deus, de comunhão e participação, próxima aos jovens, e que opte pelos pobres e marginalizados.
- c) uma Pastoral da Juventude audaz, orgânica e profética, que acolha e promova o encontro com Jesus Cristo, e acompanhe os processos de formação integral, transformando os/as jovens em verdadeiros discípulos/as missionários/as.

4.1 Os movimentos pedagógicos da missão no mundo dos jovens³²

Tomando em conta o reconhecimento que a Igreja tem para com os jovens, a Pastoral da Juventude, fiel a seu espírito eclesial, refletiu sobre a necessidade de imprimir uma nova dinâmica no seu trabalho pastoral e descreveu e aprovou, para isso, alguns "movimentos pedagógicos" que impulsionassem a missão que lhe foi confiada. Destacam-se cinco movimentos:

a) Fascinar-se pela juventude

Deixar-se encantar pela pessoa do/a jovem, descobrir seu rosto e seu mundo e sair ao seu encontro. A dinâmica missionária leva a sair do próprio lugar para olhar e deixar-se fascinar pelos/as adolescentes e jovens, reconhecendo sua força, suas possibilidades e tudo o que eles/as podem revelar-nos de Deus. A dinâmica é de encantamento e requer uma conversão que passa

³² Nº 462 a 469.

pela maneira de olhar, de exercer a gratuidade com a juventude; passa, igualmente, pelo respeito às questões da juventude e ao modo como os jovens se apresentam diante do mundo.

b) Aproximar-se da juventude

Conhecer a cultura juvenil é o segundo movimento missionário que nos é proposto. Refere-se a estar e conhecer, isto é, estar com as juventudes e em seus lugares vitais. Significa "pôr-se em dia com os/as jovens." Reconhecer e valorizar o que são e o que fazem; estar com os jovens em seus ambientes cotidianos e aproximar-se dos diversos mundos juvenis, reconhecendo e valorizando a diversidade das suas culturas.

c) Escutar a juventude

Trata-se de um caminho de discipulado e missão, com o objetivo de ouvir as necessidades, interesses, sonhos, angústias, medos e desafios da juventude, indo além das conquistas e decepções do caminho, também da Pastoral da Juventude. **Escutar é mais do que ouvir.** Escuta-se com todo o corpo, não apenas com o ouvido. "Escutar" implica afinar os sentidos, escutando mais do se quer ouvir. Trata-se de pôr em função todas as nossas faculdades, capacidades e oportunidades para mover-nos em direção ao outro, com uma atitude empática e responder aos seus apelos.

d) Discernir com a juventude

Trata-se de aprender a distinguir os sinais e os signos. "Desentranhar" significa tirar de dentro; "discernir" convida a separar, avaliar e interpretar os chamados dos/as jovens a partir de suas realidades. O desentranhar e o discernir levam a mover-nos e arrancar-nos de nossas seguranças e atitudes para ver, com olhos novos (os olhos de Jesus), que convidam à busca de novas ações e a seguirmos em frente, com o outro, com ele e ela.

e) Converter-se / comover-se com a juventude

Este movimento do "converter-se" significa tomar um novo rumo e se caracteriza pelo "mover" e "co-mover" na direção da comunidade e da juventude, seguindo a Jesus. Requer a convicção pessoal e comunitária de que "a vida dos jovens é uma forma de discipulado e missão"; reconhecer o "sagrado" que habita na novidade; encontrar com eles (os/as jovens) novos caminhos. Significa viver a mística do discipulado e revitalizar a nossa ação.

4.2 A formação integral³³

A integralidade, como **princípio norteador**, supõe que a ação da educação na fé e do acompanhamento, sejam resultados de um processo educativo que parta, sempre, do/a jovem, e das perguntas que ele/a têm para entender o mundo que lhe toca viver e construir. Considerando isso, a Pastoral da Juventude do Continente (América Latina e Caribe), em sua caminhada histórica, desenvolveu cinco **dimensões** a serem cultivadas no serviço da formação. Elas (as dimensões) são pedagógicas e partem do princípio de que a pessoa humana é um todo; que o/a jovem sempre se aproxima com suas perguntas ou preocupações a partir de sua caminhada e a partir do contexto em que vive.

³³ Nº 470 a 532.

Outro componente desta formação integral são os **processos**. São os modos como, cada um dos jovens, vai vivendo a formação de sua personalidade em seu contexto de vida. Quando ele (o processo) está dentro de um plano, sabe de onde parte e para onde quer ir. A ação, na perspectiva do processo, é planejada porque se tem claro para onde queremos ir.

A evangelização dos/as jovens exige tanto uma atitude de acolhimento por parte da comunidade como um trabalho com esta mesma comunidade, para que tome consciência de como se deve olhar para a juventude. A formação integral, em seu conjunto, não está no conteúdo, mas, principalmente, na experiência de um princípio de atitudes conscientes de acolhida e de respeito; na postura de querer aprender com os jovens e de reconhecer o sagrado presente em sua maneira de ser e estar no mundo.

a) **Dimensões e processos**

A Pastoral da Juventude quer desenvolver, portanto, junto aos jovens, um processo de formação integral: ajudá-los a se tornarem para o que são chamados. Em sua visão (da Pastoral da Juventude), eles/as são chamados a ser uma pessoa, "imagem de Deus", segundo o modelo, que é Jesus Cristo: livre, fraterno, criativo, sujeito da história. Por isso, todo homem e toda mulher se sentem inclinados e chamados:

- A ser/possuir-se/doar-se no amor
- A conviver/comunicar-se
- A situar-se/comprometer-se historicamente
- A transcender-se
- A fazer/construir.

Os jovens e as jovens são "indivíduos", "pessoas", "seres sociais", "políticos", "abertos ao Absoluto", "criadores e criativas". As dimensões buscam responder, existencialmente, às perguntas: Quem sou eu? Quem é o outro? Onde estou e o que estou fazendo aqui? De onde vim e por que existo? Como fazer? Estas perguntas e características correspondem a distintas dimensões de seu ser, apenas pedagogicamente separáveis.

- *Personalização – Dimensão psico-afetiva*

É uma busca constante de respostas - não especulativas, mas existenciais, à pergunta: "Quem sou eu". É o esforço para tornar-se pessoa: descobrir-se, possuir-se, entregar-se. Significa levar em conta os tempos de amadurecimento pessoal do jovem e acompanhá-lo, para realizar o caminho:

- a) **do auto-conhecimento:** processo de descoberta dos interesses pessoais, das aspirações, valores, sentimentos, limitações e deficiências, bem como o reconhecimento de sua própria história.
- b) **da auto-crítica:** a descoberta de si mesmo que desemboca na revisão pessoal e na busca permanente de superação.
- c) **da auto-avaliação:** descoberta da dignidade pessoal, da autoestima e do agir como ser livre.
- d) **da auto-realização:** preocupado pelo projeto de vida. Requer que o jovem se sinta amado e ser capaz de amar, de expressar ternura e alegria e assumir a construção de seu futuro, com base na opção vocacional e profissional.

- *Integração – Dimensão psico-social*

É a capacidade de descobrir o outro que, num contexto cristão, é chamado e é o irmão que queremos conhecer, com quem desejamos comunicar-nos e estabelecer um relacionamento profundo. A dinâmica de integração visa passar do simples “encontro” ou “reunião” à conformação do grupo, da equipe, da Comunidade. Essa dinâmica precisa ser vivida em nível do grupo, mas se repete, também, no nível mais amplo da convivência social, sendo parte de uma comunidade e de um povo.

A dimensão cultural da vida tem, aqui, um lugar especial. Conhecer, resgatar, confrontar valores e assumir os aspectos positivos da sua própria cultura é um pré-requisito para criar a identidade social e fomentar a comunhão, o espírito de comunidade e a cooperação criativa.

- *Evangelização – Dimensão mística*

Corresponde à dimensão mística (ou teologal). Trata-se de um processo de "educação na fé", que, embora seja um dom de Deus, também exige a mediação humana (Rm 10, 14). Além de acreditar, é necessário estar "sempre pronto para dar uma resposta a todo aquele que pede a razão da nossa esperança" (1 Pd 3,15). É comum ignorar esse fato e partir do princípio de que "somos cristãos", esperando ou exigindo dos/as jovens compromissos que não são capazes de assumir. Não se desenvolve, dessa forma, um processo crescente de educação na fé. Ou porque se queimam etapas ou porque se permanece sempre no infantilismo religioso.

Ninguém chega ao compromisso cristão a não ser em etapas. Os passos deste processo de evangelização são descritos por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (21-24). O processo da evangelização compreende:

- a) A *pré-evangelização*:** preparar o terreno, criando condições para a acolhida da mensagem de salvação. Trata-se de sensibilizar e inquietar; tomar consciência da própria situação (“da própria indigência”) e do mal na sociedade e da conseqüente necessidade de salvação. Implica em desmistificar falsas imagens de Deus e da Igreja, cristalizadas na infância; questionar a superficialidade da sua fé e despertar a admiração e o desejo de iniciar um caminho em grupo.
 - b) A *re-evangelização*:** trata do anúncio de Jesus Cristo e, especialmente, da explicitação deste anúncio, através de uma catequese adequada (que leve à descoberta da verdade sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre a Pessoa Humana). Este passo deveria levar a uma primeira conversão que se manifesta na mudança de mentalidade e de vida, na adesão a Cristo libertador e seu Reino, e à consciência de ser Igreja.
 - c) A *iniciação na comunidade de fé*.** Trata-se de aprofundar, manifestar e celebrar, comunitariamente, a primeira conversão de maneira mais madura e participativa (EN, 23).
- **O *compromisso apostólico*:** iniciada progressivamente, a pessoa expressa uma plena inserção na Igreja e no serviço ao mundo, como resultado de uma atitude de busca da vontade do Pai, no estilo de Jesus. Supõe recordar o caminho percorrido, como Êxodo e Páscoa, num processo de discernimento vocacional.

- *Conscientização – Dimensão política*

Procura responder às perguntas "Onde estou e o que estou fazendo aqui?" Trata-se de ajudar o/a jovem a descobrir o mundo em que vive e qual seu lugar, como sujeito da história. Quer-se, como afirma Puebla, "formar jovens de modo gradual para uma ação sociopolítica e para a mudança de estruturas..." (Puebla, 1196).

Constatam-se sérias dificuldades na atenção a esta dimensão. Muitos grupos, movimentos e agentes de pastoral desprezam esta dimensão. Os próprios jovens, anestesiados pelo sistema dominante, em geral não demonstram interesse por esse aspecto. Por isso que se verifica a preocupação por atender a esta dimensão. Tem sido comum o risco de "queimar etapas", especialmente pela falta de paciência e de pedagogia dos mais amadurecidos. O processo de conscientização, assim como em todos os demais, se dá por passos que precisam ser tomados em conta. Estes passos parecem ser:

- a) A sensibilização:** a maioria dos/as jovens (especialmente os/as adolescentes) que chega aos grupos possui uma consciência ingênua e desinformada; está fechada no mundo de seus conflitos pessoais. É necessário, em primeiro lugar, romper este círculo fechado e conduzir à descoberta do problema social.
- b) A conscientização:** uma pedagogia adequada partirá de atitudes de compaixão e de pequenas ações (talvez assistencialistas) levando-os a descobrir as causas estruturais e a implementar ações sempre mais transformadoras.
- c) A organização – mobilização:** o processo de conscientização tem como ápice o compromisso com a ação organizada do povo para a transformação da sociedade.

- *Capacitação técnica – Dimensão de capacitação*

Procura responder à pergunta do "como fazer?" Grande parte das dificuldades dos grupos de jovens vem da falta de uma capacitação técnica de seus coordenadores/as para fazer acontecer o processo de formação dentro de seus grupos. Acentuam-se quatro aspectos, nesta capacitação:

- a) A formação técnica para o desenvolvimento de um projeto pessoal de vida, que dará ao jovem sustento na sua vida e propiciará elementos para contribuir, significativamente, com outros projetos (grupo, Pastoral da Juventude, família, igreja, sociedade).
- b) A formação técnica grupo dos participantes de grupos de iniciação e dos coordenadores, assessores e militantes, no planejamento, execução e avaliação da ação.
- c) A formação técnica em vista de um projeto sociopolítico. A formação técnica quer formar líderes, a partir da Doutrina Social da Igreja, que os capacite para a militância nos movimentos e organizações de transformação social, com uma prática democrática e participativa.
- d) A formação técnica em vista de um projeto de Pastoral da Juventude.

Este processo compreende três passos:

- a) a participação.** O autoritarismo na família, na escola e na sociedade anula, muitas vezes, a capacidade de participação dos jovens. Normalmente, o/a jovem vem para o grupo sem experiência de participação e com dificuldade de comunicação. O primeiro momento será de "recuperar a palavra" e aprender a viver em grupo, participar e trabalhar juntos. Esta

etapa exigirá, especialmente dos/as assessores/as, respeito à individualidade, criando um ambiente favorável e o uso de técnicas adequadas.

b) a ação-coordenação. Da participação na ação do grupo assumindo pequenas tarefas, o jovem vai, gradualmente, fazendo-se capaz de liderar e coordenar atividades (uma reunião, uma assembleias, por exemplo).

c) o planejamento, organização. O processo de capacitação deve ser aprofundado até o ponto em que o/a jovem seja capaz de orientar a organização da ação grupal e, depois contribuir, de forma efetiva, na organização da comunidade e da sociedade.

- Podemos dizer que *a formação integral* é um princípio educativo assumido pela Pastoral da Juventude do Continente Latino-Americano e do Caribe quando se considera que a formação oferecida está atenta à pessoa do/a ao jovem na sua totalidade. Essa a razão porque esta Pastoral propõe algumas dimensões para as quais o/a pastoralista, na sua atuação, deve estar atento: ao psico-afetivo, ao psicossocial, ao político, à mística e à capacitação técnica. Também se argumenta que o ponto de partida é a realidade deste sujeito no seu contexto, com suas perguntas, afirmações e dúvidas. Esta formação ocorre no processo, e esses processos partem de cada uma das dimensões: a personalização, a integração, a conscientização, a sensibilização, a evangelização e a formação técnica.
- Podemos perguntar-nos, quando, na verdade, a formação integral se materializa? Em primeiro lugar, para que se dê um processo, em qualquer nível, é necessário planejar. Não é apenas um plano, mas um processo onde as pessoas, juntas, podem construir o caminho que desejam percorrer no grupo ou na Pastoral.
- A memória do caminho percorrido é outro aspecto fundamental na formação integral. Trata-se da memória como povo, do caminho, dos passos que foram dados, com as experiências e as decisões que se foram tomando em cada uma das encruzilhadas a que este caminho levou, apresentando novas questões e novos temas.

4.3 As opções pedagógicas da Pastoral da Juventude

A Pastoral da Juventude promove e defende cinco opções pedagógicas, além do princípio norteador da formação integral: o grupo, o trabalho diferenciado com as juventudes, o cultivo da memória histórica, a organização e o acompanhamento.

4.3.1 O grupo de jovens ou a comunidade juvenil³⁴

A experiência de grupo é a **proposta central** da ação evangelizadora da Pastoral da Juventude na América Latina. O grupo é o local da experiência e da vivência social e eclesial. Em nosso Continente, há uma variedade de nomes para estes espaços onde os jovens se encontram. Existem, também, várias formas e estilos entre os "grupos" ou "comunidades de jovens"; não há um único modelo. O termo "grupo" designa um conjunto de jovens que se reúnem, de uma forma mais ou menos regular. A "comunidade jovem", em alguns lugares, significa um grupo, como tal; mas em outros, é o conjunto de grupos que estão na mesma comunidade.

O livro *Projeto Vida* (2003) afirma que os grupos podem ser criados nos "meios" diferentes, "ambientais" ou "vitais" (escola, bairro, comunidade, rural ou urbano, ou mesmo o trabalho e em

³⁴ Nº 563 a 569.

comunidades indígenas, quilombolas, etc.). Os grupos podem satisfazer, igualmente, os vários interesses e possibilidades de agrupamento: a reflexão sobre a Palavra ou sobre assuntos, teatro, dança, música, esportes, ações de solidariedade ou catequese para os sacramentos como a Confirmação. Tanto o adolescente como os/as jovens se sentem atraídos para a vida coletiva. Por isso que os Bispos latino-americanos, em sua IV Conferência, declararam que "a Pastoral da Juventude... deverá incentivar a criação e a animação de grupos de jovens e comunidades" (DSD, 120).

Tomando o princípio da formação que propõe trabalhar a integralidade da pessoa, queremos encontrar, na pedagogia e na Escola de Jesus, o princípio do Seguimento. Isto significa que aqueles/as que se inscrevem como discípulos/as, passam a segui-Lo, no caminho, a partir de suas práticas, posturas, atitudes, escolhas, e vão conhecendo o Senhor a partir de uma experiência pessoal e comunitária, aderindo ao seu Projeto.

❖ *Convocar para a vida em comunidade*³⁵

“Convocar” é apresentar, com o testemunho, uma Igreja que seja comunidade das testemunhas do Ressuscitado. É a experiência de vida em grupo. Para isso, algumas posturas básicas são: o acolhimento; o respeito pela pessoa que entra no grupo; o desejo de conhecer melhor como os jovens vivem; saber que em cada lugar, em cada momento, em cada cultura, em cada situação social e econômica, há formas específicas de organização da visão de mundo.

Para planejar a convocação, deve-se olhar, primeiramente, para quem estamos chegando com o processo que desejamos propor. É preciso ter em mente que a maioria dos/as jovens não tem nenhuma experiência religiosa fundamental, e distinguir aqueles/as que vêm de uma cultura crente explicitamente reconhecida.

São tarefas fundamentais para a convocação:

- a) Conhecer a realidade dos jovens dos quais nos queremos aproximar;
- b) Convocar os jovens para mover-se em direção da comunidade;
- c) Incentivar a participação em atividades baseadas nos interesses dos jovens.

❖ *Apresentar uma espiritualidade que provoque uma mística*³⁶

O cuidado da vida e sua defesa, em todas as formas, requer que as pessoas caminhem ao encontro dos/as jovens, movidas pela indignação contra qualquer situação de morte. No **exercício** do caminho da espiritualidade cristã, de seguir a Jesus, pode-se conviver com Ele, servindo-nos de inspiração, por exemplo, uma visita à cidade de Cafarnaum, na Galiléia. Essa dimensão bíblica do processo da caminhada é uma novidade muito bonita.

"Revelar" os valores do Evangelho é mais do que "falar" deles. Cafarnaum, a cidade dos Evangelhos, por exemplo, pode ser tanto um local de pesca como de encontro com o Senhor ressuscitado. Este “lugar” nos pode sugerir que os jovens querem ser um "lago", que seja conhecido e, portanto, nos recorda que a diversidade de juventudes deve ser valorizada e respeitada. A juventude quer ser "cruzamento" (assim como foi Cafarnaum) e, portanto, caminho para o novo, para a novidade. A juventude quer ser lugar de "encontro" e, portanto, de grupo

³⁵ Nº 535 a 538.

³⁶ Nº 539 a 569.

como proposta de caminho. Os jovens querem reconhecer, em Cafarnaum, o "sagrado" e, portanto, a presença do Ressuscitado em sua pessoa e em sua vida.

❖ *A porta de entrada: o lúdico e o belo*

No trabalho com as juventudes, não só daquelas que começam, trata-se de saber valorizar a dimensão lúdica, da diversão e dos jogos, das canções, das histórias contadas repetidamente, da poesia e de tudo que envolve o/a jovem; que se move e que convoque para estar participando, sem a formalidade do mundo dos adultos, muitas vezes demasiado sério.

❖ *A criação de comunidades de amigos/as no Senhor*

Tomando como inspiração alguns lugares bíblicos, a criação de comunidades pode ser movida por diversos eventos e localizações:

- a) *Construir um grupo ou uma comunidade de jovens, vivendo a **mística de Belém**;*
- b) *Participar de um grupo, espaço de formação, da pessoa do/a jovem, passando pela **mística de Nazaré**;*
- c) *Cuidar que o grupo se transforme em comunidade marcada, por uma cultura e pela integração das pessoas, podendo viver a **mística de Betânia**;*
- d) *Lembrar-se que o grupo de jovens é chamado a conhecer a história da salvação da humanidade a partir da experiência pessoal com o Mestre, **como em Samaria**;*
- e) *Não esquecer que o grupo de jovens é chamado a inserir-se na sociedade e agir como um ser político, com a **mística de Jerusalém**;*
- f) *Ter presente que o grupo de jovens é um lugar para exercitar os dons e organizar-se a partir da **mística que leva para o comunitário, como na mística de Emaús**.*

Falando de “grupo”, a Pastoral da Juventude pensa em grupos pequenos, seguindo o exemplo de Jesus: grupo com a mesma idade; com um ritmo de reuniões periódicas organizadas pelos participantes; percorrendo um caminho comum, gerando um processo de participação na educação e na fé. O grupo é uma experiência eclesiológica e, portanto, apresenta alguns aspectos a serem levados em conta:

- a) O grupo não é uma soma de pessoas. O grupo constitui uma nova identidade, com caminhos próprios, gerado pelas pessoas que participam;
- b) O tamanho do grupo não pode pôr em risco a comunicação entre os participantes, tanto visual como auditivamente. Os que participam dele, criam vínculos afetivos e efetivos;
- c) Os membros do grupo giram em torno de um objetivo comum e uma tarefa comum, motivada pelos interesses dos participantes;
- d) O grupo é uma unidade que se comporta como uma totalidade e vice-versa e, por isso, é importante que possa organizar-se a serviço de seus participantes, assim como eles, também a serviço do grupo;
- e) Em qualquer grupo coexistem duas forças contraditórias, permanentes: uma que tende à coesão e, a outra, que tende à desintegração;
- f) O grupo é um espaço de formação e de decisão e, portanto, a participação num grupo é eminentemente vocacional, porque prepara a pessoa para fazer escolhas (eleições) coletivas.

O grupo de jovens ou a comunidade juvenil, segundo a Pastoral da Juventude, vive vários processos que devem ser planejados de modo que os movimentos gerem crescimento na vida do grupo e das pessoas. O planejamento do grupo sempre parte da dinâmica da vida interna dos participantes, com seus problemas, a partir de seu ambiente de vida, tomando como referência a vida dos jovens. Estes “passos” pedem deixar de lado as respostas que já temos prontas, assim como os desejos institucionais para viver, de fato, a aventura da escuta dos indivíduos no grupo. Todo discurso dos participantes são "gritos", "clamores", "recados" que escondem necessidades vitais para a vida destes/as jovens.

4.3.2 As realidades específicas dos jovens³⁷

Civilização do Amor: Tarefa e Esperança (1995) começa este tema, lembrando que, para apresentar o anúncio da Boa Nova “de modo atraente e acessível à vida dos ideais evangélicos da juventude” (DSD 120), é necessária, uma ação que leve em conta o lugar vital da juventude, ou seja, as situações em que ela vive, no dia-a-dia: as experiências de grupo a partir da cultura do espaço, das organizações próprias do ambiente de trabalho ou do próprio local. A Pastoral da Juventude deve ser aquela que “anuncia, nos compromissos assumidos na vida cotidiana, que o Deus da vida ama os/as jovens e quer para eles/as um futuro diferente, sem frustrações nem marginalizações, onde o a vida é totalmente acessível a todos”. Como dizem as Conclusões da Conferência Episcopal de Santo Domingo *a Pastoral da Juventude assume e valoriza organizações que partam da vida dos jovens, dos ambientes onde os jovens vivem e agem* (DSD, 119).

Levar em conta a diversidade da juventude, seus ambientes; reconhecer que em cada um destes espaços vitais há uma cultura jovem a ser conhecida; organizar grupos a partir destes ambientes, vinculados à pastoral orgânica, *é evangelizar a cultura e, longe de abandonar a opção preferencial pelos pobres e o compromisso com a realidade, isso nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história, ardente e infatigável, em sua caridade samaritana* (CA, 491).

O sentido de pertença a uma realidade concreta leva a Pastoral da Juventude a buscar a conversão pessoal e social de cada um destes ambientes vitais ao Evangelho e, ao mesmo tempo, busca a formação de uma identidade madura, por parte dos/as jovens envolvidos/as e organizados em grupos, fazendo que discutam suas realidades concretas e anunciem a proposta do Reino com sinais, linguagem, organização e valores do mundo dos jovens.

As Pastorais Específicas de Juventude, querem servir aos jovens em seus ambientes específicos e, a partir daí, iluminar suas vidas no seguimento de Jesus, mediante uma *evangelização integral* que forneça meios, mística, alternativas e propostas novas de estilos vida e de militância, sem tirá-los de seu ambiente, de suas raízes, culturas e valores, e que os faça conscientes de sua realidade e solidários com os necessitados e oprimidos.

As Pastorais Específicas de Juventude, são uma forma concreta e válida de fazer efetiva a *opção preferencial pelos pobres*, de viver uma Igreja com *sentido missionário* e incentivar uma Pastoral da Juventude que sai em busca dos *mais abandonados*. Elas colocam a Igreja e a Pastoral da Juventude frente ao mundo e à realidade, chamando-as a serem "sal" (Mt 5:13) e

³⁷ Nº 570 a 582.

"fermento" (Mt 13:33), dando-lhes a oportunidade de trabalhar junto aos que não pertencem à Igreja, mas igualmente buscam o bem e a promoção da juventude e da sociedade³⁸.

4.3.3 O cultivo da memória pessoal, comunitária e social³⁹

Outra opção pedagógica, que faz parte da história do povo de Deus e da Pastoral da Juventude, é o **cultivo da memória histórica**. Desde os tempos dos profetas do Primeiro Testamento e da formação do Povo de Deus, a revelação do Senhor se dá no caminho e é conservada na memória, pelo povo em peregrinação. A ação da Pastoral da Juventude assume a memória histórica como uma das opções pedagógicas de sua ação.

A memória é a pedagogia que Jesus usou, por exemplo, na estrada para Emaús. Recorda com os discípulos, voltando para suas casas e para a sua vida privada, tudo o que a memória dizia. A memória é cultivada especialmente na comunidade. Pode-se dizer que é fonte de resistência e fortaleza e se mantém de muitas maneiras. Um povo sem memória, assim como as instituições, as nações, também as juventudes, se fragilizam. Os Bispos, em Aparecida, dizem que *recuperar a memória histórica, fortalecer os espaços e as relações interculturais, são condições para a afirmação da plena da cidadania dos povos* (DA, 96).

Esta opção assumida pela Pastoral da Juventude faz parte de uma caminhada da Igreja no Continente. Reconhecer-se parte deste caminho, sentindo-se chamados/as por Deus pelo batismo (através do qual somos profetas, sacerdotes-celebrantes e reis-construtores de comunidade), é construir-se a si mesmo como membro fiel da comunidade dos crentes no Senhor ressuscitado.

4.3.4 A organização, parte da missão da Pastoral da Juventude⁴⁰

A organização é uma opção pedagógica da Pastoral da Juventude porque gera um processo de comunhão e participação. A organização se traduz num **processo vocacional** que todo jovem vai vivendo na medida em que se vê obrigado a tomar decisões, desde as situações mais simples até as complexas e extensas, como a escolha do projeto de sua vida.

A organização promove o protagonismo juvenil, tornando-se um "instrumento" fundamental. Abre, aos jovens, novas questões e desejos de conhecimento e participação; partilha seus conhecimentos e sua vida pessoal e para a vida da comunidade eclesial, da qual participam e na qual vivem. Educa para o diálogo com as diversas situações da vida da juventude e das culturas juvenis, bem como com a sociedade, baseada numa participação dialogante, consciente e protagônica na transformação das estruturas injustas. Sem a organização entre eles, os grupos se privam da comunhão eclesial, perdem a memória histórica e a fidelidade à ação evangelizadora.

A coordenação e a organização fazem parte da missão evangelizadora da Pastoral da Juventude (DP, 1306-1307). Esta participação não é algo que se escolhe; faz parte da sua felicidade. Além de criá-la e melhorá-la, nos momentos de crise, devemos incentivá-la e dinamizá-la porque o isolamento não faz parte da prática cristã dos seguidores do Mestre de Nazaré.

³⁸ As Pastorais Específicas de Juventude ativas na América Latina se referem aos operários, estudantes, camponeses, universitários, afro-americanos, indígenas, jovens urbanos e jovens do meio popular, porém podem ser muitas mais, tendo em conta um trabalho diferenciado com as diversas juventudes. Entra, também, neste campo, o capítulo da pastoral de adolescentes.

³⁹ Nº 583 a 584.

⁴⁰ Nº 586 a 648.

A organização da ação evangelizadora se realiza, hoje, dentro de um novo contexto no qual há uma **multiplicidade de experiências**, onde cada uma tem sua organização e espaços de ação e formação. Há necessidade de uma instância, como a Comissão Nacional da Pastoral da Juventude da Conferência Episcopal, para unir e articular as forças e trabalhar numa pastoral de conjunto, à luz das diretrizes gerais da ação evangelizadora de cada Conferência. Todas nascem da necessidade de organizar, planejar e avaliar o trabalho de evangelização, tanto na comunidade como nos diferentes meios em que os jovens vivem. Estas principais experiências são:

- As Pastorais Específicas da Juventude que acompanham os processos de evangelização da juventude a partir dos grupos de jovens (das quais já falamos);
- As organizações de jovens das Congregações Religiosas que trabalham com a juventude, de acordo com seus respectivos carismas;
- Os diferentes Movimentos Eclesiais que existem há mais tempo e as Novas Comunidades com seus carismas específicos;
- Outras Pastorais eclesiais que trabalham com jovens, como a Catequese da Confirmação, a Pastoral Vocacional, a Pastoral da Educação, entre outras.

Quanto à organização da Pastoral da Juventude da juventude em nível latino-americano podemos destacar alguns aspectos⁴¹:

- a) Com o desenvolvimento e o crescimento do intercâmbio entre as Pastorais Nacionais de Juventude (das diferentes Conferências Episcopais) e com o fortalecimento da identidade e da proposta da Pastoral Juvenil Latino-Americana, surgiu a necessidade de se criar **espaços “regionais”** para promover a animação e o intercâmbio e fortalecer os processos das Pastorais de Juventude Nacionais.
- b) Existem quatro Regiões, nucleadas pela proximidade e pelas características culturais e geográficas similares dos países que as integram: a **Região Andina**, com a Bolívia, a Colômbia, o Equador e o Peru; a **Região do Caribe**, com as Antilhas, Cuba, Haiti, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela; a **Região do Cone Sul**, com a Argentina, o Brasil, o Chile, o Paraguai e o Uruguai; e a **Região Centro-Americana** com Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua e Panamá.
- c) A implementação do projeto da Pastoral da Juventude Orgânica gerou, no Continente, uma articulação dinâmica e eficaz, animada pelo Departamento de Família, Vida e Juventude do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Seu serviço às Conferências Episcopais, a estrutura das Regiões, a realização dos Congressos de Jovens dos países latino-americanos, os encontros e reuniões dos Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude, os Cursos Latino-Americanos de Pastoral da Juventude e os numerosos materiais publicados, permitiram não somente consolidar e aprofundar os elementos da proposta, mas também reforçar a organização conjunta da Pastoral da Juventude nos países e no Continente. A Equipe Latino-Americana da Pastoral da Juventude, formada a partir de representantes das quatro Regiões, começou a funcionar em 1983.

⁴¹ Não apresentamos, nesta síntese, o que se refere à organização paroquial, à organização dos setores pastorais das dioceses, organizações diocesanas nem à organização em nível nacional. Além disso, existe o Documento 103, da CNBB, que fala do assunto no capítulo VIII.

Os Movimentos Apostólicos e as diversas experiências de Pastoral de Juventude⁴²

Dentro da organização, é importante valorizar os diferentes Movimentos Apostólicos e as diversas experiências que trabalham com os/as jovens. A partir de sua identidade e carisma, eles/as enriquecem a ação evangelizadora da juventude. O Documento de Aparecida (311) diz que os *novos movimentos e comunidades são um dom do Espírito Santo à Igreja. Neles, os fiéis encontram a possibilidade de formar-se cristãmente, crescer e comprometer-se apostolicamente sendo verdadeiros discípulos missionários apostólicos.*

Em muitos países do Continente este lugar de comunhão e articulação da Pastoral da Juventude, das Congregações Religiosas com carisma juvenil, dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades já é uma realidade, o que favorece a evangelização da juventude. No entanto, uma Pastoral de Conjunto e uma maior participação, bem como uma pastoral orgânica e articulada, seguem sendo um desafio.

4.3.5 O acompanhamento⁴³

O processo de evangelização da juventude e as organizações têm o acompanhamento (assessoria) como um serviço que promove o protagonismo juvenil, facilita a formação e acompanha as juventudes e a coordenação em suas ações junto aos jovens. A tarefa desta assessoria é a formação e o acompanhamento. Não cabem à assessoria a coordenação e a organização; são tarefas prioritárias do protagonismo juvenil, com seus coordenadores. É essencial que o assessoramento estabeleça o vínculo entre o mundo dos jovens e o mundo adulto. O ideal é organizar uma equipe de assessoria para o serviço da formação e do acompanhamento.

O acompanhamento é o lugar da "graça", de fazer o caminho juntos, na solidariedade e na verdade, que se revelam nas experiências de vida; é a construção dos amigos e das amigas. Este acompanhamento, como sugere *Acompañamiento - acólito de la juventud*, requer cultivar algumas habilidades⁴⁴:

- a) A capacidade de ouvir.
- b) A capacidade de entrar no mundo da outra pessoa.
- c) A capacidade de conter e aceitar o conteúdo emocional.
- d) A capacidade de acreditar em suas próprias convicções.
- e) A capacidade de ser paciente e saber esperar.
- f) A capacidade de planejar com a juventude, em todas as instâncias, a partir do grupo, até o nível mais amplo.

⁴² Nº 649 a 653.

⁴³ Nº 654 a 658.

⁴⁴ DICK, Hilário; TEIXEIRA, C. Lúcia; SEGURA LEVY, Salvador. *Acompanhamento: Mística do Acólito da Juventude*. São Paulo, CCJ, 2008.

5. A dimensão vocacional da Pastoral da Juventude⁴⁵

A vocacionalidade é uma dimensão da formação integral e, por isso, a Pastoral da Juventude e a Pastoral Vocacional devem encontrar-se e complementar-se. Enquanto animadora vocacional, a Pastoral da Juventude, em Cristo e na sua Igreja, é o rosto revelador do amor do Pai para com a juventude; portadora do chamado do Filho aos jovens a tomarem consciência de sua existência, chamados à Vida plena; portadora do convite para os jovens a serem colaboradores/as do projeto do Pai através de um projeto de vida.

A animação vocacional da Pastoral da Juventude segue um itinerário: começa com um encontro pessoal com Jesus Cristo, experiência de vida que gera uma vivência de comunhão; a ela vai-se acrescentando a formação do discipulado, fazendo surgir um ser missionário. Discipulado e missão são duas dimensões da vocação cristã. É um caminho concreto para o Horizonte dos jovens, podendo-se ressaltar **alguns passos**:

- a) Encontro com Cristo: Através do encontro consigo mesmo, da comunidade, da criação, das Sagradas Escrituras e através dos sacramentos.
- b) Discipulado a partir da pedagogia do Mestre, unindo os discípulos a Ele, mediante processos de assimilação de paradigmas.
- c) Jesus educa seus discípulos propondo-lhes um modelo: o Deus, que é Pai, ao qual os jovens são chamados a imitar, especialmente em sua misericórdia. Para fazer isso, impõe-se seguir os passos de Jesus no serviço, na oração e no abraço da cruz.
- d) Por meio da indução e dedução, da escuta e da ação do Espírito Santo.
- e) Configuração e comunhão pessoal e comunitária com Cristo.

Ao referir-nos a um encontro pessoal dos/as jovens com Cristo, como ponto de partida da vocação à Vida plena, ressaltamos que, nesta relação face a face com o Mestre, se dá o passo para dentro nós, ou seja, vai-se gestando a comunhão, entendida como configuração pessoal e comunitária com Cristo.

Contudo, além das raízes antropológicas da comunhão, esta comunhão tem suas bases no Ser Trinitário de Deus. Sendo Ele uma comunidade de pessoas, o projeto de Deus não poderia ser menos que comunitário. A vocação à comunhão se enraíza em Deus Pai, o Deus Vivo, que convida o/a jovem para uma vida de comunhão, de santidade e de transformação (cf. DA 129-130).

As dimensões evangelizadoras da Pastoral da Juventude são aquelas que, sendo próprias da Igreja, são traduzidas para serem vividas no mundo juvenil. Pode-se assinalar as seguintes dimensões: anunciar a Palavra; celebrar a fé; construir e acompanhar comunidades. Cada um dos momentos do itinerário do discipulado missionário, isto é, o encontro pessoal com Cristo, o discipulado e a missão, têm uma força intrínseca comum: **a conversão**. Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma opção por uma grande ideia, mas, sim, pelo encontro com uma pessoa. A conversão não é, inicialmente, ética, mas responde ao ser mesmo da pessoa. A conversão, antes de ser moral, é ontológica.

⁴⁵ Nº 659 a 715.

6. Caminhos Metodológicos da Ação Evangelizadora⁴⁶

6.1 Entrando no assunto

Não vale qualquer maneira de evangelizar, pois o que se quer é *alcançar e transformar, com a força do Evangelho, os critérios de julgamento, os pontos de interesse... os modelos de vida, que estão em contraste com a palavra de Deus, com o desígnio de salvação (Evangelii Nuntiandi, 19)*. Exige-se, portanto, uma pedagogia definida. Esta é uma preocupação saudável e necessária para avançar nos propósitos de discernir e desenvolver uma prática pastoral atenta tanto ao **o que** se espera para atingir (os objetivos da Pastoral da Juventude), e também **à maneira** como se pretende chegar a estes resultados.

As dificuldades, para uma evangelização em profundidade, surgem não só das limitações que os jovens têm para receber a Mensagem; há **dificuldades na própria concepção de educação da fé**, que impedem, muitas vezes, que o Evangelho seja acolhido pelos/as jovens como uma Boa Notícia para as suas vidas. É necessário renovar não só os métodos tradicionais de educação na fé, mas também revisar a cosmovisão em que eles se fundamentam.

Se os contrastamos com os padrões culturais dos/as jovens, é fácil entender a enorme distância comunicacional que ocorre. O diálogo que os/as jovens desejam e exigem passa pela dinamicidade, progressividade e pela força subjetiva, consideradas indispensáveis para qualquer decisão plenamente humana. Não surpreende, então, que os/as jovens, muitas vezes, se sintam na Igreja, como se estivessem em outro lugar, onde se fala outra língua.

Uma consideração, às vezes esquecida, é que, na formação, previamente ou junto com a escolha de um método, fazemos uma opção pedagógica que interpreta o nosso conceito ou ideia sobre o que é a formação. Uma vez que os métodos são maneiras de selecionar e organizar os recursos em vista de conseguir os objetivos programados, não se pode considerar que exista apenas um método possível de usar. A escolha do método mais adequado baseia-se na **realidade** ou **contexto** que se deseja transformar e nos **objetivos** e **metas** que se deseja atingir. Absolutizar o uso de um determinado método, é ignorar seu sentido intrínseco, de o método ser um caminho. O meio não é um fim.

6.2 Os métodos assumidos na evangelização da juventude⁴⁷

6.2.1 O Método Ver-Julgar-Agir-Revisar-Celebrar

As Conferências Episcopais do Continente assumem este Método como um caminho da Evangelização e da Missão no Continente. Ele (o Método) é afirmado em Aparecida (Conferência). Em Santo Domingo os bispos afirmam que "a Pastoral da Juventude promoverá o protagonismo através da metodologia do **ver, julgar, agir, revisar e celebrar**" (DSD, 119). Isto significa que, para ser apta para a Pastoral da Juventude, uma metodologia requer:

a) Ser coerente com a pedagogia de Jesus e com a pedagogia pastoral proposta, atendendo ao processo integral de educação na fé, em suas cinco dimensões e em suas três etapas;

⁴⁶ Nº 716 a 737.

⁴⁷ Nº 738 a 776.

- b) Assumir a vida dos jovens, sua realidade e experiência, e ajudá-los a partilharem sua vivência e a serem protagonistas de sua história;
- c) Levar a confrontar suas vidas com a Palavra de Deus, possibilitando o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo;
- d) Promover uma experiência comunitária, participativa e dialógica, e um aumento no sentimento de pertença à Igreja diocesana, nacional e latino-americana e universal;
- e) Criar consciência missionária, aumentando o testemunho e o anúncio explícito de Jesus na vida cotidiana.

Mais do que uma Metodologia, o *ver-julgar-agir-revisar-celebrar* leva a ser um **estilo de vida** e uma **espiritualidade** que vive e celebra a descoberta da presença de Deus na história, a atitude de conversão pessoal e contínua e o compromisso com a transformação da realidade.

6.2.2 O Método da Revisão de Vida

A Revisão de Vida não é, simplesmente, uma técnica para desenvolver uma reunião de grupo. É um método e, sobretudo, um caminho de espiritualidade, visando tornar coerente e adulta a vida cristã vivida em comunidade, e a construir uma comunidade eclesial presente no mundo, a serviço do Reino, oferecido como destino e salvação. Este Método destaca três momentos: o ver, o julgar e o agir.

6.2.3 O Método da Formação Experiencial

O grupo de jovens ou a comunidade juvenil é uma experiência na qual os/as jovens partilham sua vida e são acompanhados no processo de elaborar o que vivem, revisando-o à luz da fé e celebrando os acontecimentos do seguimento de Jesus.. O Método da Formação Experiencial propõe acompanhar os encontros comunitários, possibilitando aos jovens partilhar suas experiências, aprofundá-las e iluminá-las e, assim, transformar, progressivamente, suas vidas, através da adesão à mensagem de Jesus.

Este Método distingue quatro momentos:

a) A motivação:

Desperta e centra o interesse dos/as jovens para a experiência que se pretende abordar. Deve ajudar a fazer brotar perguntas sobre a atividade, ou o caso a ser refletido, e criar condições para um aprofundamento posterior.

b) A descrição da experiência:

Trata-se de criar condições para que os/as jovens possam partilhar as suas experiências pessoais sobre o tema abordado, e possam contatar com o que se vive, se sente, pensa e se faz, como um primeiro passo para compreender-se melhor a si mesmos e compreender o ambiente em que vivem.

c) A análise da experiência:

É o aprofundamento da experiência, a fim de compreendê-la melhor e descobrir, nela, aspectos não percebidos, inicialmente, e elementos não tomados em conta suficientemente, mas que, na verdade, determinam e influenciam nas situações que se vive.

d) O discernimento sobre a experiência:

Uma vez compreendida e assumida melhor a experiência, é possível fazer, a partir de seu sentido mais profundo, uma leitura do fato na perspectiva da fé. Discernir a experiência é captar, nela, a ação salvífica de Deus e as resistências ou rejeições no evento analisado. Trata-se de acolher a palavra de Deus e responder ao convite feito para uma mudança de vida e de atitudes, deixando-se levar pelo poder do Espírito e abrir-se à ação de Deus, sempre presente em toda a experiência humana.

V. O SUSTENTO NA VIVÊNCIA DO HORIZONTE



MARCO CELEBRATIVO

Quem tem o Filho, tem a Vida (1 Jo 5,12)

Apresentamos elementos considerados fundamentais quando se fala de "Espiritualidade Juvenil", uma espiritualidade que é "alimento" na vivência do discipulado missionário, na construção da Civilização do Amor; caminho para o Pai, que nos guia em Seu Filho e impulsiona com o poder do Espírito. Co meçamos dizendo que a Pastoral da Juventude descobriu que, para as juventudes, uma vida sem gestos nem celebrações não faz sentido nem tem dinamismo e que, portanto, a dimensão celebrativa é um elemento essencial do estilo de vida que a Pastoral da Juventude vai assumindo no processo de amadurecimento humano e cristão que realiza⁴⁸.

5.1 ESPIRITUALIDADE JUVENIL: UMA REALIDADE ANTIGA E SEMPRE NOVA, SEMPRE EMERGENTE⁴⁹

O mundo da teologia não deixa de ser o mundo evidente do sagrado e do mistério. Dizia Cirilo de Jerusalém (Doutor da Igreja), que *a respeito de Deus, o maior conhecimento é confessar a própria ignorância*. Quanto mais se descobre, cheio de admiração e alegria, mais vai-se descobrindo. Devemos perguntar-nos: o que há de novo, neste campo, para a evangelização da juventude?

Uma das características que pode ser observada na pós-modernidade, com suas culturas e subculturas, é a busca e a necessidade de preencher um vazio que ecoa nas pessoas.

⁴⁸ SEJ-CELAM, *Civilización del Amor. Tarea y Esperanza. Orientaciones para una Pastoral Juvenil Latinoamericana*. CELAM, Bogotá, 1995, p. 315.

⁴⁹ Nº 779 a 789.

Imersos/as num sistema dominado pela competição, pela incerteza e pela exclusão, jovens e adultos querem ser aceitos, reconhecidos, incluídos. Para todos/as, especialmente para os/as jovens, é o tempo do ser e do aparecer. Esta busca leva as pessoas para a religião. Quem melhor atender a essa necessidade e oferecer o que as pessoas buscam, será mais bem sucedido.

A oferta religiosa é encontrada em qualquer espaço, e já não requer mais pastores ou padres como servidores que têm o conhecimento e o sagrado. O pós-modernismo tem como faceta importante o retorno ao sagrado, ao misticismo e ao transcendente. O teólogo Prudente Nery diz que

Esta imanência recíproca entre o sagrado e o profano, esta inseparabilidade entre valores religiosos e humanos, esta unidade inconfusa entre Deus e o homem (...) pensá-las e mantê-las segue sendo, ainda hoje, a tarefa mais difícil e urgente de uma teologia cristã. Pois esta é a coluna mestre do cristianismo: se Deus se fez homem, é porque há algo de humano em Deus, e se o homem pode ser assumido por Deus, em sua encarnação, é porque há, no homem, uma capacidade de Deus⁵⁰.

Por que não acreditar que a juventude traz outra compreensão do sagrado e da transcendência na vivência da afetividade, do corpo, da sexualidade, dos desejos e das rebeldias, dos sonhos e das esperanças, das buscas e posturas tipicamente juvenis? Perguntamos isso porque a juventude, além de saborear o sagrado, além de reaproximar-se do sagrado, é - como tal - uma realidade sagrada, porque há, no homem e na mulher, também na juventude, uma capacidade para Deus. O sagrado não é apenas algo externo; o sagrado habita no/a jovem. As raízes da espiritualidade estão dentro dele/a.

Voltamos, por isso, à frase do Concílio Vaticano II afirmando que o futuro da humanidade está nas mãos de pessoas que sabem dar, para as futuras gerações, motivações para viver e esperar. As razões de viver não podem limitar-se ao sociológico, ao econômico e ao psicológico. O "sentido" é mais exigente. Todos temos fome e sede de Deus. Também é verdade "que quem não conhece a Deus, mesmo que tenha muitas esperanças, no fundo está sem esperança que sustenta toda a vida" (cf. Ef 2:12). Na verdade, a grande esperança do homem que resiste, apesar de todas as decepções, só pode ser Deus, o Deus que nos amou e continua a amar-nos até ao fim.

5.2 CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE JUVENIL⁵¹

Refletiremos sobre algumas dimensões características da espiritualidade juvenil, constituindo aspectos e valores típicos dos/as jovens: a amizade, o grupo, a festa, a fidelidade e a doação, que resultam ou podem resultar em espiritualidade. Não temos a preocupação de sermos completos.

⁵⁰ In Caliman, Cleto (org.), *A sedução do sagrado. O fenômeno religioso na virada do milênio*. Vozes, Petrópolis, 1998, p. 165-166.

⁵¹ Nº 790 a 802.

a) A amizade

A juventude se converte, através da vivência da amizade, num sacramento do novo, que é vida; ela é sacramento da nova relação para a qual o ser humano foi criado; dom de Deus que vive em nós, mas precisa ser descoberto. Deus se manifesta no jovem, através da amizade.

A juventude sente-se chamada para a alteridade, para a relacionalidade, para ser amigo/a como Jesus de Nazaré, que viveu esta relação da amizade. Podemos recordar, especialmente, três momentos de Jesus:

- Na hora da traição de Judas, a palavra que tem com quem o entrega (traí) é "amigo, faze o que deve fazer" (Mt 26, 50). Seu relacionamento é real.
- Quando anunciam a Jesus que Lázaro está doente, as palavras que saem de sua boca são: "Nosso amigo Lázaro está dormindo. Vou acordá-lo" (Jo 11, 11). Frente ao túmulo do amigo, chorou. Seu relacionamento é de fidelidade.
- Já nos momentos de despedida, uma frase que Ele diz é: "Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando". (...) "Eu vos chamo amigos, porque eu vos comuniquéi tudo o que ouvi de meu Pai" (Jo 15, 14-15). Sua relação é de amizade.

b) A festa

Outra dimensão do sagrado nos jovens, isto é, da sua espiritualidade, é a natureza festiva. Podemos dizer que a festa faz parte da imensa criatividade humana; a festa é o espaço do gratuito. A festa tem a marca da gratuidade e da generosidade. Ela tem valor em si mesma e não é instrumento, em vista de qualquer outra finalidade, a não ser que se trate de um evento público e promocional, o qual não é verdadeira festa. Alegria-nos a vida, a família, a comunidade, o trabalho... Admira-se a verdade e o belo. Somos gratos pelos dons que recebemos de Deus e das pessoas, especialmente aqueles de gerações passadas.

Olhando para a juventude, a dança e o ritmo parecem conviver com a festa numa inseparabilidade ontológica. A juventude é a celebração do corpo, a explosão da descoberta, o ritmo da alegria, um sinal da manifestação de Deus Criador.

c) O grupo ou a comunidade juvenil

Num contexto que leva a valorizar o individualismo, as juventudes resgatam a importância do grupo e da vivência comunitária como ponto de encontro, de descoberta da identidade, da amizade e do crescimento. Do ponto de vista psicológico, o grupo dá ao jovem segurança; na perspectiva teológica, podemos dizer que o grupo dá ao jovem o sentido. É o outro que emerge como uma dimensão de sua felicidade; é a volta ao sagrado desejada pela comunidade e pelo grupo; por isso é raro encontrar um jovem ou uma jovem isolado/a.

d) A fidelidade

Num sistema onde se privilegia a aparência e a mentira, o jovem afirma que quer a verdade. Em seu apreço à fidelidade, baseia-se uma das principais forças proféticas da juventude. No

cântico de Moisés, o guia do Êxodo fala porque Deus rejeitou o seu povo: É que eles "são filhos que não têm fidelidade" (Dt 32, 20). Assim como a confiança é um dos pilares da resiliência, uma força que ajuda na superação de dificuldades, assim também é a fidelidade; a corrupção é um "anti-pilar" da resiliência porque a infidelidade é fonte de insegurança.

e) **A doação**

A doação, na vida do jovem, pode ser afirmada junto com a dimensão teológica do "descobrir". A descoberta irrompe na vida dos jovens. A doação é gratuita. A vida não é causa e efeito; não é uma obrigação lógica. A descoberta é graça, porque tudo é graça. A descoberta é a irrupção do dom. Por isso, tudo é motivo de gratidão e de festa. Os jovens vivem a experiência da graça que eles/as são, e a graça que eles/as recebem. No jovem, a volta ao sagrado se manifesta no retorno à doação.

5.3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA ESPIRITUALIDADE⁵²

Entendemos a espiritualidade como a experiência de Deus que se revela em Jesus Cristo; uma experiência que é obra do Espírito e que transforma a pessoa e desencadeia, nela, um processo novo. A espiritualidade é diferente e original em comparação com outras motivações ou forças inspiradoras da vida das pessoas. Sua fonte é a experiência de fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, na conversão e adesão a Ele e ao Evangelho, vivida com outras pessoas na Igreja. A espiritualidade é a experiência da irrupção do insuspeitado, do vigoroso e do amor transformador de Deus, fazendo-se presente de forma singular, fecunda e criativa na vida das pessoas.

a) **A experiência de Jesus vivo e presente**

No encontro pessoal, Jesus propõe uma adesão radical e livre a Ele e suscita o desejo de segui-Lo. Este seguimento requer uma conversão, uma mudança do próprio caminho para o caminho que Ele aponta. Isso significa ir assumindo seu estilo de vida, os seus critérios de julgamento, sua forma de se relacionar com as outras pessoas e com Deus Pai, seus conflitos, sua cruz e ressurreição. Em uma palavra: implica fazer o que Ele faz e dizer o que Ele diz, fazer e pôr o projeto de vida pessoal a serviço da ação do Reino de Deus.

É um processo paciente e inacabado, através do qual o Espírito vai transformando em vida o amor do Pai revelado em Jesus; abraçando a vida com novos dinamismos, novas formas de pensar, novos estilos de agir e relacionar-se, novas vivências da unidade inseparável do amor a Deus e ao próximo. É a seiva que alimenta e fertiliza a comunidade, a teologia e a pastoral.

b) **A ação do Espírito**

A espiritualidade cristã é um dinamismo do Espírito Santo, que incentiva e orienta a vida para fazer "memória" e viver no seguimento de Jesus: *Ele vai ensinar-lhes tudo e lembrá-los de que eu lhes disse* (Jo 14, 26). A espiritualidade não é um mero conjunto de "práticas espirituais" estabelecidas pelos homens. É a irrupção inesperada e insuspeitada, vigorosa e

⁵² Nº 803 a 815.

transformadora de Deus que se faz presente, de forma singular, na vida de toda pessoa. Quando Deus se faz presente, Ele o faz como amor fecundo e criativo, como salvação que transforma a história. Como vida, "faz novas todas as coisas" (Ap 21,5).

c) A experiência de fé na Igreja

A experiência do seguimento de Jesus é vivida e se desenvolve na Igreja, numa comunidade local que é, ao mesmo tempo, sinal e realização da comunidade universal. É ali que irrompe o Espírito de Jesus. Cristo propõe às pessoas uma escolha livre e radical por Ele que, simultaneamente, as incorpora em uma comunidade, em discípulos missionários, num novo povo: o povo de Deus, segundo o plano do Pai.

5.4 UMA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DO ESPÍRITO DE APARECIDA⁵³

Segundo o Documento de Aparecida, o caminho do discipulado missionário se dá em cinco movimentos:

a) no encontro pessoal com Cristo

A espiritualidade cristã não responde a um estilo de vida gerado por uma ideologia, mas é o seguimento de uma pessoa: Jesus Cristo. Por isso não é possível pensar uma espiritualidade sem a amizade. Todo o caminho de amizade começa com um encontro pessoal. O encontro com o outro, o outro como um Tu, transforma a vida. Isso chega a tal ponto que se dá uma transmissão de sentimentos, emoções e valores; não é uma mutação de personalidade, mas de crescimento da personalidade própria a partir da riqueza do outro. O outro configura a mim mesmo.

b) ... gerador de conversão

Na medida em que o/a jovem se vai cimentando na amizade com Jesus Cristo vai-se gerando um processo de conversão. A amizade é o motor que o/a conduz a tomar consciência do que ele realmente é, e o/a conduz, simultaneamente, a uma nova maneira de agir. Pode-se dizer que a conversão é uma metamorfose para um novo ser e fazer: o ser de Jesus Cristo e o fazer do Mestre. A espiritualidade não é a soma de normas e princípios; isso seria uma atitude hipócrita, atitude que Jesus Cristo tanto criticou nos Evangelhos. Somente depois que se criam vínculos, pode-se gerar mudanças. Este é o ensinamento de Jesus. A pessoa de Jesus Cristo leva para a mudança e faz surgir no/a jovem uma nova maneira de pensar e viver. Jesus transforma; Ele converte.

c) ... gerador de discipulado

Todo este processo de encontro pessoal – de conversão e de discipulado começa com o chamado de Jesus, um convite a segui-Lo, a permanecer com Ele, gerando uma nova atitude existencial. Os jovens anseiam estar com seus pares, com seus amigos/as. A proximidade, iniciada no encontro pessoal, passa para uma nova dimensão do discipulado: a intimidade e o compromisso

⁵³ Nº 816 a 836.

d) ... discipulado em comunhão

O encontro pessoal, ponto de partida de uma espiritualidade, gera comunhão com o Mestre e com os irmãos. Realmente, nosso ser não pode ser pensado, a não ser na relação com os outros. A pessoa é comunidade. Apesar das raízes antropológicas da comunhão, esta tem suas bases no Ser trinitário de Deus. O plano de Deus não podia ser senão comunidade, sendo que Ele é comunidade. O Espírito origina e anima a comunhão fraterna. A comunidade não tem só unidade na fé, mas nos critérios da vida; não é só formada de sentimentos e palavras, mas de vida e de ações comuns. O que os distingue é a caridade; o amor filial transforma-se em amor ágape.

e) ... anúncio missionário

As coisas boas não se guardam para si mesmo; elas se comunicam, se partilham e se dão a conhecer. O/A jovem, uma vez que descobriu algo que o/a satisfaz, partilha-o e o proclama aos quatro ventos. As redes sociais são, hoje, uma prova disso. É assim que a alegria do encontro pessoal com Cristo, gerador de vida nova, é anunciada.

O/A jovem que experimentou, pela ação do Espírito, a amizade, enraizada no encontro pessoal com Cristo; a tomada de consciência, de seu verdadeiro eu, segundo o plano do Pai, no movimento de conversão; o seguimento, no movimento do discipulado; a adesão no movimento da comunhão; agora se converte num "outro Cristo", para dar lugar a este evento gerador de uma vida nova em outros: de uma espiritualidade em seus amigos.

5.5 MODOS DE CULTIVAR A ESPIRITUALIDADE JUVENIL⁵⁴

Para alimentar a espiritualidade cristã o/a jovem necessita encontrar ferramentas, pessoas e momentos que o marquem profundamente, causando nele/a o desejo de uma verdadeira mudança. Destacamos, de modo especial:

- **A Liturgia e a vivência sacramental**

A Liturgia é o ápice, para o qual tende a atividade de toda a Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força. Nela se expressa e se realiza a vida segundo o Espírito, e se manifesta a presença viva de Jesus na história, assumindo e transformando a vida das pessoas e das realidades do mundo. A alegria juvenil e a atitude de ação graças se manifestam, especialmente, na dimensão festiva da vida. Não se faz festa para encontrar alegria; é a alegria que motiva a realização da festa.

São importantes, numa vivência da espiritualidade juvenil, a ambientação, as canções e a música, a variedade de gestos e sinais, a preparação cuidadosa de tudo o que é feito, o clima, a alegria do encontro e a experiência comunitária da fé, características da espiritualidade juvenil. Além de tudo, os/as jovens encontram aí um aspecto profundo de sua identidade teológica, vivida biologicamente.

⁵⁴ Nº 837 a 863.

- **A Celebração dominical**

Gestado o encontro pessoal e comunitário do/a jovem com Jesus, a Eucaristia é o centro vital em torno do qual os/as jovens se reúnem para alimentar a sua fé e entusiasmo. Para o/a jovem, a celebração dominical da Eucaristia contém vários significados e valores: é alimento e força para o caminho; luz para os caminhos da vida; presença real de Deus e fonte da felicidade.

Tal como acontece com os discípulos de Emaús, para o/a jovem a celebração dominical, a Eucaristia, é fonte de compromisso e missão. A Eucaristia sempre foi uma grande escola de caridade, solidariedade, amor e justiça para renovar o mundo em Cristo. A Eucaristia torna-se fonte de compromisso cristão e de espírito missionário e faz com que cada jovem não seja apenas um amigo de Jesus Cristo, mas também um amigo que quer encontrar, para Ele, outros amigos em seu ambiente de estudo, de diversão e de trabalho.

- **O amor e a devoção a Maria**

Mais do que o amor natural e cultural à mãe, é o próprio Espírito de Jesus que leva o/a jovem a reconhecer, na Virgem Maria, a primeira discípula, uma jovem feliz porque acreditou que nela se cumpriria a Palavra de Deus. Pela fé, Maria é Mãe e abre as portas da humanidade para o Filho de Deus. Por sua colaboração na obra da libertação, é modelo de vida na sua disponibilidade, entrega e compromisso.

Maria acompanha os/as jovens latino-americanos/as; por essa razão, eles/as são muito sensíveis para expressar o seu amor, sua gratidão e devoção a Ela, através de várias manifestações de fé: as peregrinações, as festas em sua honra, a reza do Rosário e muitas outras expressões culturais. Em toda a América Latina Ela é invocada sob vários títulos, que expressam este amor particular a Maria, evocando os sonhos, as lutas e os sacrifícios dos jovens latino-americanos/as, na pessoa de Maria.

- **Os retiros**

Os retiros não podem ser momentos de refúgio ou de fuga da realidade. É muito importante que se cuide para não transmitir a ideia de que - para estar com Deus - é necessário deixar a vida cotidiana, afastar-se do mundo e criar uma atmosfera especial, por vezes muito aconchegante, mas muitas vezes também artificial. Os retiros devem estar em continuidade com as orientações teológicas, pedagógicas, metodológicas e de espiritualidade que incentivem o processo de educação na fé que os/as jovens vivem normalmente em grupos.

- **A Leitura Orante da Bíblia**

O caminhar do/a jovem deve ser alimentado pelos princípios evangélicos, buscados na Palavra de Deus. Nada melhor do que a *Leitura Orante da Palavra de Deus*. É preciso dar-se tempo à reflexão sobre a Palavra de Deus para que seja iluminadora da prática. Para tal, devem ser estimuladas as Escolas de Bíblia e de Liturgia para Jovens.

- **As vigílias**

São momentos que fortalecem os sinais de vida e de esperança do grupo. Cada pessoa, com a sua experiência generosa e comprometida, celebra e contribui, de maneira indispensável,

para o crescimento de todos. Muitos momentos da vida do/a jovem tomam aspectos de vigília. Há momentos de espera (do namorado ou da namorada, do trabalho, do espaço ...), e momentos de alegria e descanso. Gozo e descanso com Aquele que é a Vida.

- **Oração pessoal e comunitária**

A oração pessoal é a "seiva" de toda a ação e espiritualidade. É impossível ser feliz se, interiormente, não forem cultivadas, as motivações e os princípios da fé. Da mesma forma, a meditação comunitária também é muito importante, já que a fé vem através do outro; a comunidade é um espaço adequado para que a juventude possa fazer e refazer a sua vida (cf. At 2,42-47), e o horizonte de onde ela pode abrir-se ao mundo para ser luz e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16); acolher a ação do Espírito na história e, junto com os demais, trabalhar na construção de uma sociedade mais justa e solidária para todos.

- **Vivência do anúncio, da participação e do compromisso**

No chamado a sair das fronteiras de seus grupos, comunidades, paróquias ou dioceses - até mesmo de seus países - a Igreja reconhece um sinal de confiança de Deus na capacidade dos/as jovens de entregar-se ao serviço do Evangelho. A partir de suas experiências de missão, os/as jovens vão descobrindo e testemunhando que "é transmitindo a fé, que esta se fortalece".

Momentos fortes de evangelização, de comunhão eclesial e de renovação no seguimento de Jesus no anúncio missionário de seu Reino são os Dias Nacionais da Juventude, os **Congressos de Jovens, as Jornadas da Juventude, os acampamentos juvenis, as Missões Jovens**, etc. que, em seus respectivos níveis, convocam os/as jovens em torno de temas de seu interesse, facilitando sua formação e a afirmação como jovens cristãos, servindo-lhes de estímulo para o envolvimento e a integração mais consciente e ativa na vida eclesial e na realidade social.

- **A opção pelos pobres**

A vivência da opção preferencial pelos pobres, na dimensão espiritual, leva a descobrir e a aderir a Jesus pobre entre os mais pobres e se realizará num compromisso com o plano de Deus, para transformar as condições que geram desigualdade e marginalização. Não é só uma atitude sociológica, mas teológica e mística.

5.6 “CONTEUDOS” CELEBRATIVOS DAS JUVENTUDES⁵⁵

Os conteúdos das celebrações juvenis referem-se à realidade em que os jovens vivem. Trata-se de fazer da vida uma oração. Destacam-se três realidades:

⁵⁵ Nº 864 a 873.

a) A celebração do cotidiano

A vida cotidiana, com as suas alegrias e tristezas, seus problemas e dificuldades, seus temores e esperanças, suas ações simples e compromissos radicais, sinais da presença de Deus na história e na vida das pessoas, são e devem ser o conteúdo das celebrações dos/as jovens. Celebrar a vida relaciona-se com a busca de sentido e da espiritualidade; com o que se é e com o que se faz; o que anima e sustenta o dia a dia; o que dá força para caminhar; as motivações profundas das opções que se tomam. Seguir a Jesus é reconhecer, celebrar e comprometer-se com a sua presença na vida do dia-a-dia, na pessoa do outro.

Assumir com coerência a normalidade da existência; aceitar os desafios, as dúvidas e as tensões do crescimento pessoal e comunitário; trabalhar para superar as ambiguidades que existem na vida cotidiana e fermentar com amor qualquer opção, são passos necessários para descobrir e amar o cotidiano como realidade nova, onde Deus está presente, atua e se dá a conhecer em seu modo paternal e maternal de ser.

b) A celebração da fé

Celebrar a fé não se resume em recitar orações memorizadas. Ter fé, existencialmente, é ter, dentro de si, aquela "outra certeza que vale a pena." Como disseram os bispos em Santo Domingo, *a celebração da fé na liturgia, cume da vida da Igreja, deve realizar-se com alegria e de forma que permita uma participação mais viva, ativa e comprometida com a realidade de nossos povos* (DSD, 294). É importante, também, valorizar outras maneiras de celebrar a fé: a religiosidade popular, as romarias, as manifestações artísticas, os retiros, os encontros... Através destas e de outras formas, os/as jovens vivem e expressam o mistério da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. De acordo com as diferentes culturas, deve-se levar em conta a variedade de gestos e símbolos que ajudam a celebração da fé. Procurar que todos eles, efetivamente, cooperem no encontro com Deus.

c) A celebração da história

Pelo fato de que os/as jovens estejam entrando na história, é essencial que a vivam em profundidade: em nível pessoal, de povo e de juventude, como tal. Participar em eventos significativos se tornam, por isso, para os/as jovens, celebrações da história que eles/as vão assumindo e construindo. O jovem sem história, perde o sentido de ser jovem. Desvincula-se do seu referencial. Desarticula suas relações psico-afetivas e políticas. O jovem que não comemora o seu próprio caminhar e o caminhar dos outros, corre o risco de se tornar uma vítima da história que ele/a foi levado/a a viver.

